

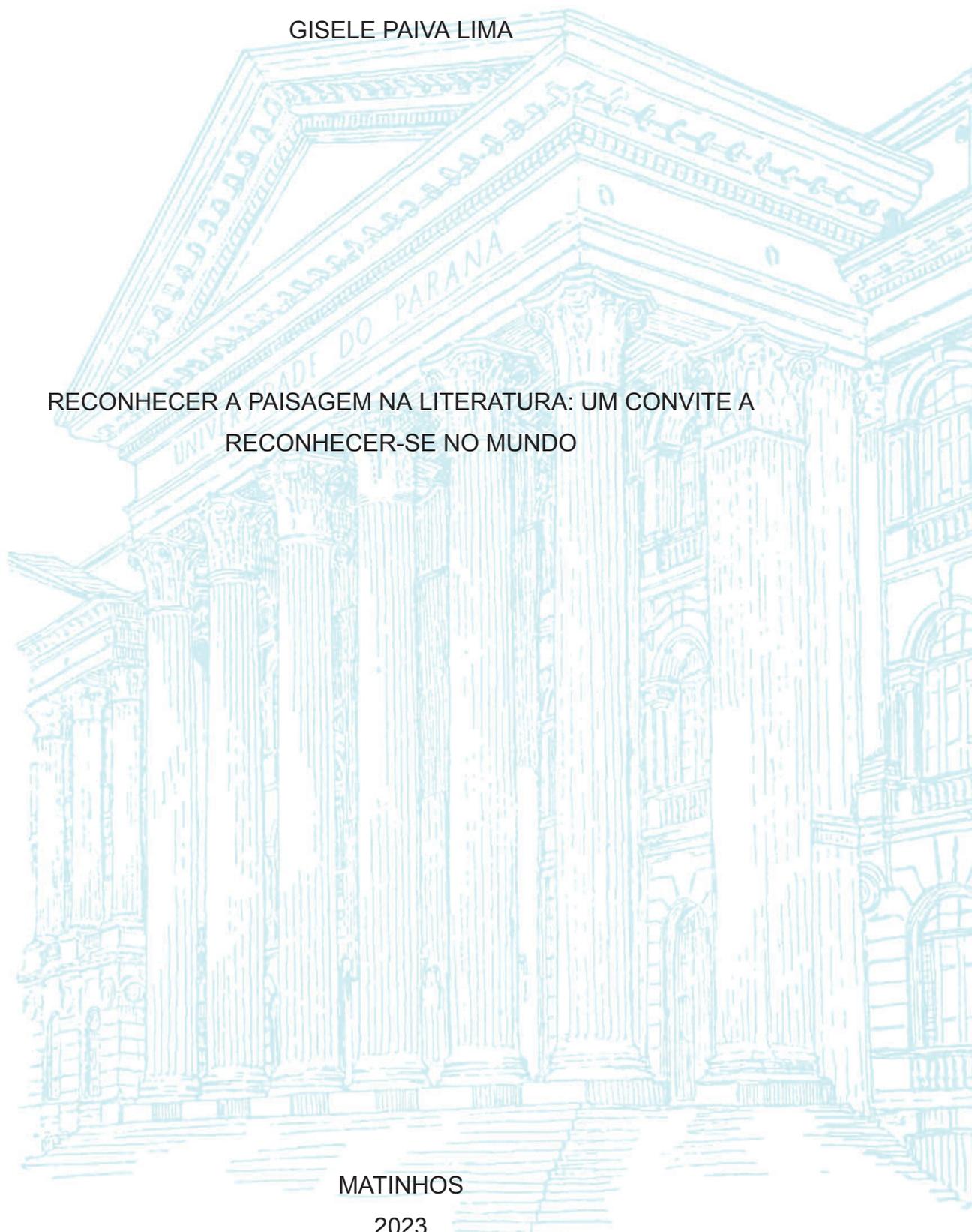
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GISELE PAIVA LIMA

RECONHECER A PAISAGEM NA LITERATURA: UM CONVITE A
RECONHECER-SE NO MUNDO

MATINHOS

2023



GISELE PAIVA LIMA

RECONHECER A PAISAGEM NA LITERATURA: UM CONVITE A
RECONHECER-SE NO MUNDO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino das Ciências Ambientais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Carvalho Messa

MATINHOS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte
Biblioteca Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral

L732r Lima, Gisele Paiva
Reconhecer a paisagem na literatura: um convite a reconhecer-se no mundo /
Gisele Paiva Lima ; orientador Fábio de Carvalho Messa. – 2023.
98 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral,
Matinhos/PR, 2023.

1. Literatura - Paisagem. 2. Percepção. 3. Pertencimento. I. Dissertação (Mestrado)
– Mestrado Profissional em Rede Nacional para o Ensino das Ciências Ambientais. II.
Título.

CDD – 800



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR LITORAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO REDE NACIONAL PARA
ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS - 33002045070P4

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **GISELE PAIVA LIMA** intitulada: **RECONHECER A PAISAGEM NA LITERATURA: UM CONVITE A RECONHECER-SE NO MUNDO**, sob orientação do Prof. Dr. FABIO DE CARVALHO MESSA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

MATINHOS, 22 de Junho de 2023.

Assinatura Eletrônica

23/06/2023 18:03:55.0

FABIO DE CARVALHO MESSA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

03/07/2023 14:13:30.0

TANIA REGINA DE OLIVEIRA RAMOS

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

03/07/2023 09:30:46.0

ELISIANI VITÓRIA TIEPOLO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esta dissertação a todos que contribuíram de alguma forma para que fosse concluída.

Aos meus professores do curso de Pós-Graduação em Ciências Ambientais que ajudaram a ampliar meus horizontes, em conjunto com meus colegas, com os quais, tive oportunidades de experimentar momentos valorosos.

Em especial ao meu orientador, Professor Doutor Fábio de Carvalho Messa que, muito além de cumprir seu papel acadêmico, mostrou-se um ser exemplar em companheirismo, respeito e dedicação (que eu consiga seguir seu exemplo).

Ao meu amigo e gestor da instituição onde trabalho, Kayan Gusmão, pela parceria estendida ao estudo desenvolvido.

Aos meus colegas, professores e agentes educacionais, sempre dispostos a ceder o tempo e os sorrisos necessários.

Ao sr. Hamilton Bonato, filho de Jocelina (dona Gigi), por dispor de seu tempo a fim de responder meus questionamentos.

Ao meu filho, Henrique, que, mesmo tão jovem, esteve presente nesta caminhada e iluminou meus dias com sua alegria e seu carinho.

À minha família, parte de quem eu sou. Minha mãe, irmão, cunhada e meus sobrinhos, por propiciarem minha tranquilidade em atender às minhas demandas para que eu pudesse concluir o curso.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Agência Nacional de Águas (ANA).

Canção de Matinhos

*Ó berço romântico, de ingênuo fulgor
Ó filha do Atlântico, ó paraíso em flor
Na calma que anseias, escrínio do mar
As tuas sereias são jóias sem par.*

*Princesa do mar, de amenos caminhos
Eu quero cantar tuas glórias, Matinhos*

*Na azul madrugada, tu a cintilar
És sonho de fada, que o sol faz dourar
Nas noites serenas, secreto rumor
Escuta-se apenas, o mar teu cantor.*

*Princesa do mar, de amenos caminhos
Eu quero cantar tuas glórias, Matinhos.*

*Doçura sem conta, propício rincão
Oásis que aponta a vasta amplidão
Teu mar sem fronteiras, excelso e viril
Em ondas brejeiras, te beija sutil.*

*Princesa do mar, de amenos caminhos
Eu quero cantar tuas glórias, Matinhos.*

*Seus torvos cuidados, ó praia feliz,
Em ti namorados passeiam tão gentis.
Com rútila vida, mais bela não há
Matinhos querida, gentil Caiobá.*

*Princesa do mar, de amenos caminhos
Eu quero cantar tuas glórias, Matinhos*

FRANCISCO PEREIRA DA SILVA E ÂNGELO ANTONÉLO

RESUMO

Neste texto, tomaremos como elemento chave a construção da concepção de *paisagem* dentro do campo da literatura, como tratada por Michel Collot, passando pela sua significação fenomenológica, baseada nos trabalhos de Merleau-Ponty e Bachelard em conjunto com as propostas de geógrafos sociais da linha humanista, como Tuan. Partindo da proposição de atividades relacionadas à Literatura, que oportunizem o diálogo sobre as relações entre o ser humano e a paisagem, pretende-se fortalecer laços identitários e de pertencimento a partir da análise e reflexão sobre a descrição da paisagem na obra *Gigi: de volta ao passado*, escrito por Jocelina Santana Bonatto, com base em seus espaços vividos e experienciados. A ação, a ser desenvolvida em uma turma de nono ano do Ensino Fundamental, baseia-se no método recepcional, desenvolvido por Aguiar e Bordini (1993), composto por cinco etapas: *determinação do horizonte de expectativas*, *atendimento ao horizonte de expectativas*, *ruptura do horizonte de expectativas*, *questionamento do horizonte de expectativas* e, por fim, *a ampliação do horizonte de expectativas*.

Palavras-chave: Paisagem. Percepção. Literatura. Pertencimento.

ABSTRACT

In this text, we will take as a key element the construction of the landscape conception within the field of literature, as treated by Michel Collot, passing through its phenomenological significance, based on the works of Merleau-Ponty and Bachelard together with the proposals of social geographers of the humanist, like Tuan. Starting from the proposition of activities related to Literature, which provide an opportunity for dialogue about the relationship between human beings and the landscape, it is intended to strengthen identity and belonging ties based on the analysis and reflection on the description of the landscape in the work *Gigi: de volta ao passado*, written by Jocelina Santana Bonatto, based on their lived and experienced spaces. The action, to be developed in a ninth grade class of Elementary School, is based on the reception method, developed by Aguiar and Bordini (1993), composed of five steps: determination of the horizon of expectations, meeting the horizon of expectations, rupture the horizon of expectations, questioning the horizon of expectations and, finally, the expansion of the horizon of expectations.

Keywords: Landscape. Perception. Literature. Belonging.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1	26
FIGURA 2	27
FIGURA 3	28
FIGURA 4	46
FIGURA 5	49
FIGURA 6	50
FIGURA 7	52
FIGURA 8	52
FIGURA 9	54
FIGURA 10	54
FIGURA 11	55
FIGURA 12	55
FIGURA 13	56
FIGURA 14	56
FIGURA 15	57
FIGURA 16	57
FIGURA 17	58
FIGURA 18	58
FIGURA 19	59
FIGURA 20	59
FIGURA 21	60
FIGURA 22	73
FIGURA 23	73
FIGURA 24	74
FIGURA 25	74
FIGURA 26	78
FIGURA 27	85
FIGURA 28	86
FIGURA 29	86
FIGURA 30	87

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

BNCC	- Base Nacional Comum Curricular
CREP	- Currículo Regulamentado do Estado do Paraná
DCE	- Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná
EAC	- Educação Ambiental Crítica
PPP	- Projeto Político Pedagógico
SEED	- Secretaria de Estado da Educação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	JUSTIFICATIVA	15
1.2	OBJETIVOS	16
1.2.1	Objetivo geral	16
1.2.2	Objetivos específicos	16
1.3	METODOLOGIA	17
1.3.1	Sequência de ações	20
1.3.1.1	Momento 1	20
1.3.1.2	Momento 2	21
1.3.1.3	Momento 3	22
1.3.1.4	Momento 4	24
1.3.1.5	Momento 5	24
1.3.1.6	Momento 6	24
1.4	CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	25
1.4.1	Escola e alunos	25
2	REFERENCIAL TEÓRICO	29
2.1	CONSTRUINDO A PAISAGEM	29
2.1.1	A paisagem sob a ótica da fenomenologia	32
2.1.2	A percepção	33
2.1.3	A paisagem e a percepção a partir da experiência	34
2.2	A PAISAGEM NA LITERATURA	36
2.2.1	O que é espaço na obra literária	40
2.2.2	Estudos da paisagem na Literatura	42
2.2.3	Paisagem e lugar: a questão do pertencimento	44
2.2	GIGI: DE VOLTA AO PASSADO, UMA OBRA MATINHENSE	46
3	DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DAS AÇÕES	53
3.1	MOMENTO 1: O QUE É PAISAGEM?	53
3.1.1	Definições produzidas durante o encontro	60
3.2	MOMENTO 2 - ANÁLISE DE IMAGENS	61
3.2.1	Exemplos de anotações feitas pelos alunos	64
3.2.2	Produção textual acerca das fotos	68

3.3 MOMENTO 3 - INÍCIO DA LEITURA DA OBRA GIGI: DE VOLTA AO PASSADO.....	70
3.4 MOMENTO 4 - EXPRESSÃO DA ORALIDADE: ILUSTRAÇÃO SOBRE A CASA DA VÓ OTA	71
3.5 MOMENTO 5 - APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS LIDOS	75
3.6 MOMENTO 6 - PRODUÇÃO TEXTUAL	81
3.7 MOMENTO 7 - CONFECÇÃO E APRESENTAÇÃO DE CARTAZES	82
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS.....	90
APÊNDICE	93

MEMORIAL

Sou moradora de Matinhos há 39 anos, aos três vim para o litoral com minha família. Assim, pude acompanhar várias mudanças ao longo do tempo e tive a oportunidade de conviver com os moradores de longa data.

Tive o privilégio de morar em uma das casas localizadas no Pico de Matinhos e ouvia constantemente a movimentação das marés, pude conviver com pescadores desde criança e perceber a simplicidade, a riqueza cultural, a sabedoria popular.

Aos cinco anos, mudamos para uma casa que seria definitivamente nossa, ao lado do Rio Matinhos, o mesmo que deságua no mar.

Na época, havia várias árvores ao redor deste rio, poucas construções próximas, e a água era mais clara. Ao longo do tempo foi possível observar as construções se aproximando das margens, as árvores caindo lentamente para o rio e o escurecimento da água.

Tal vivência me permite uma perspectiva muito pessoal em relação ao local e suas transformações.

Durante minha vida escolar, toda em instituições públicas, tive bons professores que contribuíram muito para a minha formação: esclarecendo dúvidas, incentivando, desafiando.

Discussões envolvendo a água, sendo em mares e rios, processos de erosão e poluição; e a vida marinha, sempre chamaram minha atenção. Porém, confesso que minhas ações pessoais sempre tiveram grande envolvimento com o resgate e recuperação de animais abandonados.

Cursei o Magistério (1995 – 1998), algo que fez muita diferença em minha vida pessoal e profissional, pois durante este período percebi o quanto poderia ser feito por meio da Educação e como isso seria importante. A fala de uma professora marcou minha carreira: “Todos os profissionais da Educação precisam ter consciência de quantas pessoas podem prejudicar sendo um mau profissional”, lembro bem por carregar esse pensamento comigo até hoje.

Foi também durante o Magistério que tive contato com a educação ambiental mais formal. A princípio durante meus estágios nas escolas onde encontrei pessoas ligadas às causas ambientais, logo fui estreitando tal contato e quando passei no concurso público e passei a pertencer ao quadro de professores municipais em 1999, fui aprendendo sobre como aproximar minhas práticas as minhas ideias.

Inicialmente de maneira muito complicada, pensando que tudo teria que ser grandioso.

Particpei de vários cursos proporcionados pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação. Neste período o Parque Estadual Rio da Onça passava por um processo de melhoria em suas trilhas e revitalização e criação de um local voltado à educação ambiental, hoje em uso.

Ainda em 1999 comecei a cursar Letras Português, Inglês e Respectivas Literaturas em Paranaguá na FAFIPAR, hoje UNESPAR.

Embora parecesse distanciar-me da Educação Ambiental, foi o momento em que aumentei minha rede de contatos nesta área com colegas de turma que participavam de ações ambientais, acadêmicos de outras licenciaturas que não só tinham interesse na área, mas também trabalhavam com isso.

Costumava frequentar o Parque Estadual Floresta do Palmito, quando era gerenciado por um colega licenciando em Matemática e tive a oportunidade de participar da soltura de caranguejos capturados fora de época ou em tamanho inadequado, também de pássaros bem como explorar novas trilhas a serem ainda abertas ao público e ainda conhecer aldeias que ficavam no caminho de algumas áreas a serem observadas.

Comecei a ter proximidade com educadores ambientais, Organizações Não Governamentais e seu funcionamento. Pude explorar outros espaços entendendo como pequenas ações podem impactar positivamente ou negativamente o ambiente.

Durante a graduação, fui educadora voluntária na Guarda Mirim, projeto da Polícia Militar, em conjunto com um grupo de montanhistas do município, quando comecei a pensar em práticas que aliassem minha disciplina de formação à preservação ambiental.

Em 2005 passei a pertencer ao quadro de professores do Estado do Paraná após concurso público. Atuei em Paranaguá, no Colégio Estadual Dr. Arthur Miranda Ramos por pouco tempo e fui transferida para Matinhos em menos de um ano, trabalhando em várias instituições ao mesmo tempo, sendo elas Colégio Estadual Sertãozinho, Escola Estadual Professora Abigail dos Santos Corrêa e Escola Municipal Wallace Thadeu de Mello e Silva pois ainda pertencia também ao quadro municipal.

Em 2006 consegui concentrar minhas aulas na Escola Estadual Mustafá Salomão, hoje colégio, e na Escola Municipal Pastor Elias Abraão, onde desenvolvi alguns projetos relacionados à consciência ambiental e qualidade de vida neste ano e nos seguintes.

As questões sobre aproveitamento total dos alimentos, separação de resíduos e reconhecimento dos aspectos locais eram bem discutidas dadas as necessidades da comunidade.

Ainda era possível observar a restinga alta das janelas das salas de aula e o passeio de alguns lagartos próximos ao muro.

Em 2009 transferei meu padrão de concurso estadual para a Escola Estadual Professora Abigail dos Santos Corrêa, onde atuo e em julho do mesmo ano pedi exoneração da rede municipal, podendo concentrar-me nas séries finais do Ensino Fundamental.

A referida escola atendia, e ainda atende, alunos filhos de moradores antigos do município, familiares de pescadores, fato que ocasionou um projeto de valorização da cultura local com a presença de voluntários participantes do Mercado Municipal de Pescados para palestras, contação de causos, visita à fábrica de canoas e do próprio mercado, onde nossos alunos tiveram a oportunidade de conhecer as mudanças nos processos de pesca, fabricação de artefatos e manejo de resíduos e refletir sobre a necessidade da pesca consciente, preservação de espécies, destinação de rejeitos e estreitar os laços com a cultura local.

A disciplina de Língua Portuguesa possibilita a abordagem de vários assuntos a fim de relacioná-los aos conteúdos formais e torná-los significativos também contribuindo para a organização e formalização de registros, principalmente por sua função essencial de comunicação.

Ou seja, são constantes as aproximações entre conceitos das ciências ambientais, por exemplo, e língua portuguesa, seja na leitura e compreensão de textos relacionados aos assuntos tratados, seja na organização de relatórios ou demais produções oriundas de outras práticas.

Assim, aproveito a diversidade de opções de temas e tipos de produção para inserir o campo literário no cotidiano de meus alunos e, desta forma, surgiu a proposta inicial de pesquisa apresentada para ingressar neste curso de mestrado.

No decorrer das aulas, a partir de discussões com a turma e nas reuniões de orientação, foram surgindo muitos questionamentos e, com isso, a pesquisa tomou

outros rumos, mais próximos ainda do campo literário e do cotidiano dos alunos, peças fundamentais.

1 INTRODUÇÃO

Todos viemos, estamos e vamos a algum lugar, não necessariamente entendendo que somos parte dele e ele, parte de nós, pois este lugar pode ser passageiro ou duradouro em nossas vidas, e, de acordo com como nós o vemos e o sentimos, pertencemos ou não a ele, e ele nos pertence ou não.

O modo como vivemos e experimentamos algo define como o tratamos e como nos percebemos diante dele. Assim, trazer esse sentir o mundo que nos cerca como forma de descrever e aprofundar nossa forma de ver esse mundo por meio da paisagem que alcançamos, tende a contribuir com a experiência de nos percebermos como seres integrados ao lugar onde estamos.

Neste estudo propõe-se a fortalecer laços identitários e de pertencimento dos alunos com o meio em que estão, a partir da análise e reflexão sobre a descrição da paisagem na obra literária *Gigi: de volta ao passado*, escrita por uma moradora de Matinhos, Jocelina Santana Bonatto, onde se desenvolve a pesquisa, levando em conta os espaços vividos e experienciados tanto na obra quanto na contemporaneidade.

Para tal, é necessário passar pela redefinição da concepção de paisagem, associada ao conceito de lugar, agregando-lhes um valor literário, como trazido por Michel Collot, e fenomenológico, entrelaçando abordagens de Merleau-Ponty e Bachelard, em conjunto com estudos delineados por Tuan, geógrafo humanista dedicado aos estudos *geoliterários*.

O texto está organizado em três partes, sendo elas: a contextualização da escola, alunos, obra literária selecionados para o desenvolvimento da pesquisa, também metodologia e sequência de ações a serem seguidas; referencial teórico, perpassando, além de conceitos geográficos e literários, abordagem fenomenológica e a noção de pertencimento.

Assim, partindo da realização de atividades relacionadas à Literatura, que oportunizem reflexão sobre as relações entre o ser humano e a paisagem, pretende-se observar, por meio da pesquisa qualitativa, como os processos de leitura e produção literárias podem interferir na percepção do educando sobre o

meio em que está inserido e fortalecer seus laços identitários com base em seus espaços vividos e experienciados.

A pesquisa foi desenvolvida em uma turma de nono ano, por serem leitores com conhecimentos prévios sobre determinados gêneros textuais trabalhados e apreensão de vocabulário necessário; da Escola Estadual Cívico-Militar Professora Abigail dos Santos Corrêa, durante as aulas de Língua Portuguesa, seguindo o *método recepcional* de Aguiar e Bordini (1993) associado à adaptação do método de apreciação da paisagem denominado redução eidética proposto por Serpa (2021).

A obra selecionada para o trabalho, *Gigi: de volta ao passado*, aborda memórias sobre a cidade de Matinhos, onde moram os alunos, e está localizada a escola. Nela, a autora, também narradora, descreve a partir do seu ponto de vista como era a região onde nasceu, desde a década de 1930 até seus últimos anos de vida, anterior a 2003, ano de publicação.

1.1 JUSTIFICATIVA

Matinhos é um município com a população estimada, em 2021, de 35705 pessoas, extensão territorial de 117,899km², de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), localizado no litoral do Paraná, a, aproximadamente, 110 quilômetros da capital do estado, Curitiba e faz divisa com as cidades de Guaratuba, Paranaguá e Pontal do Paraná, com suas praias banhadas pelo Oceano Atlântico.

Conta com uma população heterogênea de moradores: membros de famílias tradicionais, que ainda carregam consigo traços não apenas físicos de nativos, mas costumes e atividades laborais; aqueles que chegaram ao longo do tempo e foram fixando morada, adotando o local como lar; e os(as) que já vieram com data certa para partir (Bigarella, 1999), de modo que seus objetivos e suas vivências, bem como a maneira como relacionam-se com o que a cerca faz-se diferente.

Partindo do pressuposto de que independentemente de sua relação com os demais e com o lugar, todos devem coexistir respeitando-se e integrando-se ao meio, cabe pensar alternativas que aliem as práticas pedagógicas e a relação dos indivíduos com o meio onde estão inseridos, fazendo com que reflitam sobre seu sentimento de pertencimento ou não, sobre como as ações humanas interferem na paisagem e modificam-na, e fortaleçam seus laços identitários.

Considerando as propostas curriculares presentes desde os Parâmetros Curriculares Nacionais em Língua Portuguesa (PCN's), As Diretrizes Curriculares para a Educação Básica do Estado do Paraná (DCE's), até a atual base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo Regulamentado do Estado do Paraná (CREP), em que as práticas de leitura, produção de texto e oralidade são contempladas nos vários gêneros textuais dentro de suas unidades temáticas e campos de atuação, incluindo o literário, merece destaque o respeito ao papel do indivíduo em sociedade e como agente de transformação do ambiente sendo parte dele.

Neste caso, o trabalho com uma obra literária próxima à realidade dos estudantes, do ponto de vista geográfico e social, como *Gigi: de volta ao passado*, pode contribuir com a ressignificação da concepção da paisagem vivida de forma mais afetiva, trazendo o reconhecimento da modificação dela pela ação temporal e cultural, propiciando que o estudante perceba-se integrado a ela e reflita sobre os efeitos da mesma em seu estilo de vida, no seu modo de ver o mundo.

Ao mesmo tempo que contribui para a formação da identidade local e viabiliza espaços para o desenvolvimento e expressão de um agir subjetivo, sensível, possibilitando ao estudante olhar também para dentro de si e encontrar-se por meio do fazer literário.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

- Fortalecer laços identitários e de pertencimento a partir da análise e reflexão sobre a descrição da paisagem na obra *Gigi: de volta ao passado*, com base em espaços vividos e experienciados.

1.2.2 Objetivos específicos

- Verificar e/ou reconhecer se os processos de leitura de textos literários, próximos à realidade local, podem contribuir com o desenvolvimento da

percepção do educando em relação ao meio em que está inserido e como parte deste;

- Oportunizar a reflexão sobre as relações objetivas e subjetivas entre ser humano e paisagem a fim de constatar como a ação humana interfere nesta e nos modos de vida.
- Elaborar um material didático, com base nas práticas desenvolvidas, que oriente o trabalho docente quanto ao processo de leitura de obras literárias em sala de aula.

1.3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se pelo uso de métodos qualitativos, pois, como expressam André e Gatti (2014), permitem conhecer melhor os processos escolares de aprendizagem, as relações sociais, institucionais, culturais, entre outros. As autoras também destacam como aspectos importantes maior flexibilidade da postura investigativa, possibilidade de recorrer a tratamentos e enfoques multi/inter e transdisciplinares e multidimensionais, a ênfase no ponto de vista dos sujeitos envolvidos no processo (como professores e alunos) e o fato de levar em conta a subjetividade como parte do processo de pesquisa.

Assim, tal abordagem, permite estudar o mesmo objeto sob variados ângulos, não se restringindo a documentos e prerrogativas fixas ou um roteiro que não permita modificações de acordo com eventos não previstos durante o período de planejamento, apoiando-se em elementos do que entende-se como 'estudo de caso', ao considerar a escolha de uma série específica, com características próprias, inserida em um determinado contexto, entendendo que "o caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular" (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

No que diz respeito às características de estudo de caso adotadas, Nisbet e Watt (1978) apresentam três fases, não necessariamente em ordem e totalmente distintas uma da outra, porém, adotadas no processo de pesquisa a ser desenvolvido: fase exploratória, delimitação do estudo e análise sistemática e elaboração do relatório.

Segundo os autores, a fase exploratória deve verificar os 'pontos críticos', que seriam as questões a serem pesquisadas. Não se deve partir de uma visão

pré-determinada, é necessário verificar de forma precisa dados iniciais sobre o objeto de estudo. Desta forma, a primeira ação em contato com a turma selecionada a ser estudada, é aplicar uma atividade com vistas a proceder tal investigação. A atividade consiste em uma pergunta aberta, conceitual; um momento de conversa e uma produção de texto.

De posse do material inicial, segue-se a segunda fase: delimitação do estudo, pois será possível identificar alguns elementos importantes a serem tratados e elencados, bem como, sistematizar dados iniciais. É necessário destacar que a terceira fase, neste momento, não será conclusiva, pois ainda servirá de aporte inicial para o trabalho, consistindo na elaboração de um relatório diagnóstico, considerando a natureza de uma ação de pesquisa de intervenção pedagógica, descrita por Damiani (2012) como um método “no qual práticas de ensino inovadoras são planejadas, implementadas e avaliadas em seu propósito de maximizar as aprendizagens dos alunos que delas participam”, em conjunto com a coleta dos dados.

Tratando-se da inserção de práticas literárias no universo cotidiano dos estudantes e da verificação da possibilidade de utilização destas como prática pedagógica, as intervenções inicialmente suscitadas levam em conta o método recepcional proposto por Aguiar e Bordini (1993), por objetivarem a leitura crítica e dialógica, respeito ao universo cultural do leitor e de outrem e transformação de horizontes e expectativas, no caso do universo escolar, envolvendo professores, alunos e toda a comunidade.

O método é dividido em cinco etapas: na primeira, determina-se o *horizonte de expectativa* do leitor (aluno), nesta pesquisa, momento de observação da dinâmica de sala de aula, materiais usuais de leitura livre dos estudantes. Considerando ser a pesquisadora também professora de Língua Portuguesa da turma selecionada, os registros podem ser realizados cotidianamente.

Nesta etapa, são verificados os interesses dos alunos e é apresentado o livro a ser trabalhado a fim de dialogar sobre as possibilidades da obra. Perguntas como *vocês conhecem a obra?* e *imaginam do que se trata?* são feitas para instigar a participação.

Considerando tratar-se de uma ação que visa trabalhar a paisagem, optou-se por realizar uma atividade de construção coletiva da definição do termo

antes de continuar, contribuindo com a fase exploratória do estudo de caso (NISBET e WALT, 1978).

A segunda etapa é o *atendimento ao horizonte de expectativas*, em que são apresentados textos próximos aos de leitura habitual dos estudantes, porém, mais aprofundados em relação à linguagem e assuntos relacionados à temática da pesquisa, com gêneros diversos e aproximação literária.

Para tal, optou-se pela utilização de imagens, fotos de diversos pontos da cidade, abordando paisagens diversas para apreciação dos elementos composicionais como alternativa aos textos verbais. De acordo com Lúcia Santaella (2013), embora textos verbais e imagens sejam esteticamente construídos de formas distintas, a leitura de imagens se dá pelo mesmo processo de reflexão e decodificação, a fim de traduzir seus efeitos de sentidos, assim, da mesma forma, pode produzir várias leituras.

Em seguida, há a *ruptura do horizonte de expectativas*, podendo haver a inserção de obras mais reconhecidas como trechos de clássicos para que os alunos percebam que a leitura não atende sempre ao que se espera, partindo de concepções e adentrando à percepção do evento estético, aproximando o texto literário de seus valores. A utilização de trechos selecionados e a discussão sobre seus elementos composicionais paisagísticos são essenciais nesta etapa.

Momento em que é inserida a obra em si: *Gigi: de volta ao passado* para início de leitura e apreciação. Primeiramente, uma leitura coletiva dos capítulos iniciais, quando todos os alunos têm a oportunidade de expor suas observações para, posteriormente, uma leitura mais individualizada em que cada aluno fica responsável por falar sobre um capítulo pré-definido. Durante a leitura da obra é propício trazer assuntos relacionados à estrutura textual e sua caracterização como texto de memórias.

Levando ao *questionamento de seu horizonte de expectativas*, momento que possibilita refletir sobre suas dificuldades e/ou facilidades de leitura, quais aspectos contribuíram para a aceitação ou rejeição inicial da obra lida e como o exercício da leitura contribuiu para sua experiência.

Durante a realização das atividades de exposição oral sobre a leitura da obra tratada nesta pesquisa, e momentos de discussão em grupos menores, os alunos já começam a confrontar suas expectativas iniciais e descobertas.

A última etapa do método é a *ampliação do horizonte de expectativas* que ocorre a partir da oferta de momentos anteriores que privilegiem leituras e discussões nas etapas cumpridas respeitando o tempo necessário a fim de que se chegue à consciência de que houve uma ampliação de conhecimentos.

Durante as etapas descritas, a observação e registro da participação oral dos estudantes e suas produções escritas ou imagéticas servem como instrumentos para a análise do processo e dos resultados obtidos.

Tendo em vista as variações de registro e a interferência de eventos não previstos, bem como a dinâmica das ações desenvolvidas em espaços com vários indivíduos, além do diário de observação, é necessário o uso do recurso de gravação em vídeo. Tal recurso, além de garantir uma comprovação sobre os dados obtidos durante o processo de pesquisa e certa neutralidade (Kenski, 2003), auxilia o pesquisador por permitir ver a mesma situação mais vezes, sob outros pontos de vista, considerando pontos não percebidos em outro momento (Reyna, 1997).

1.3.1 Sequência / Planejamento de ações

1.3.1.1 Momento 1

Atividade inicial: O que é paisagem?

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Verificar a concepção de paisagem para os alunos e gerar uma reflexão sobre ela; determinar o horizonte de expectativas quanto aos procedimentos de leitura.

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, Educatron¹, Netbooks, Google Jamboard², Google Classroom³, rede de internet.

Metodologia:

Apresentar aos alunos a capa da obra literária *Gigi*: de volta ao passado e perguntar a eles se a conhecem, em seguida, pedir que levantem hipóteses sobre o

¹Consiste em um aparelho de televisão diretamente conectado a um computador e câmera sob um suporte metálico móvel. O recurso foi entregue e instalado na escola neste ano de 2022 sem especificações de participar de algum programa específico de recursos educacionais digitais.

² De acordo com a Google for Education, é uma tela inteligente que pode ser usada para salvar informações e criar apresentações colaborativas que podem ser acessadas a partir de um link.

³ De acordo com a Google for Education, trata-se de uma plataforma de gerenciamento de aprendizagem. Um espaço virtual para comunicação entre professores e alunos.

gênero e assunto tratados nela a fim de determinar o horizonte de expectativas (Aguilar e Bordini, 1993) e contribuir com a fase exploratória do estudo de campo e contribui com a delimitação do estudo desenvolvido (Nisbet e Walt, 1978).

Explicar que serão desenvolvidas atividades sobre a obra citada e introduzir o termo *paisagem* pedindo que se manifestem quanto à definição deste termo, propiciando um momento de expressão oral e troca de ideias que incentive a retomada de conhecimentos prévios para uma construção coletiva.

Após esse momento, cada aluno, individualmente ou em dupla, deve registrar sua resposta por escrito, a partir das discussões em sala de aula e de seus repertórios, usando como recurso digital o Google Jamboard que pode ser acessado em um link coletivo por meio do Google Classroom.

Expor com auxílio do Educatron as definições escritas pelos estudantes para estimular a interação oral e a reflexão sobre o que foi desenvolvido.

1.3.1.2 Momento 2

Análise de imagens: fotos

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Verificar a interação dos estudantes com paisagens do município e com o município; proporcionar momentos de discussão e reflexão sobre paisagem; atender ao horizonte de expectativas dos estudantes quanto ao texto literário..

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, Educatron, rede de internet.

Metodologia:

Apresentar o assunto a ser trabalhado no encontro e a dinâmica a ser adotada.

O desenvolvimento da atividade é inspirado no exercício de redução eidética, adaptado pelo professor Ângelo Serpa (2021), no qual mais de um indivíduo, ao apreciar determinada paisagem, percebe-a de maneira diferente. A ação consiste em observar paisagens, projetadas, do município e pedir que os alunos mostrem o que observam.

Com auxílio do Educatron, apresentar nove fotos do município com paisagens distintas, atuais e antigas, coloridas e preto e branco para apreciação dos elementos composicionais e descrição.

Pedir que identifiquem locais que conhecem ou reconhecem nas imagens e incentivar a expressão dos sentimentos ou sensações despertados pelas imagens, relacionando-as às paisagens.

Registrar no caderno, sobre cada paisagem:

1. Você reconhece esta paisagem? Se sim, qual o lugar de referência?
2. Quais elementos na imagem chamam sua atenção?
3. A imagem desperta em você algum sentimento ou sensação? Qual?

Após a conclusão da projeção, estimular os estudantes a manifestarem-se quanto às suas respostas, promovendo um ambiente de diálogo.

Ao término das manifestações orais, propor uma produção de texto sobre as imagens analisadas, expondo suas opiniões e observações, retomando brevemente as concepções de paisagem já discutidas.

1.3.1.3 Momento 3

Leitura da obra *Gigi: de volta ao passado*

Duração: 12 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Realizar a leitura da obra *Gigi: de volta ao passado*; romper o horizonte de expectativas dos estudantes; proporcionar um ambiente de questionamento e ampliação do horizonte de expectativas; oportunizar momentos de diálogo e produção textual; aproximar o material lido à realidade vivida pelo estudante.

Recursos necessários:

Quadro da sala de aula, Educatron, Netbooks, Google Jamboard, Google Classroom, rede de internet, papel sulfite.

Metodologia:

Apresentar os objetivos e dinâmica de cada etapa.

Para o desenvolvimento das atividades a seguir, o professor deve adotar uma postura também de ouvinte, daquele que está disposto a interagir com as histórias dos estudantes, sejam elas pessoais, institucionais, acadêmicas; tendo a consciência de que a partir destas histórias o texto será lido de maneira diferente (Wielewick, 2008).

É também necessário compreender que a leitura não pode se restringir apenas à decodificação da palavra escrita, deve interagir com a realidade vivida, o mundo imediato do qual o leitor faz parte, de tudo o que o cerca e suas vivências

com pessoas da mesma idade e mais velhas, tendo diferentes crenças e valores (Freire, 1989).

Na primeira etapa destinada à leitura, com previsão para duas aulas, iniciar o trabalho com a obra lendo em voz alta a apresentação presente no livro e contextualizando-o brevemente, informando aos estudantes como foi o processo de escrita, quem é a autora, qual seu papel na sociedade, principalmente no cenário municipal, processo de edição e publicação e ano de publicação.

Indicar a leitura dos quatro primeiros capítulos solicitando aos estudantes que atentem aos elementos que compõem a paisagem descrita e traços culturais expostos, iniciando a ruptura do horizonte de expectativas (Aguar e Bordini, 1993).

Após a conclusão da leitura dos capítulos propostos, totalizando oito páginas, incentivar os estudantes a falar sobre o que perceberam, o que chamou sua atenção, a linguagem utilizada na obra e se sentiram dificuldade com o vocabulário.

Na segunda etapa destinada à leitura, com previsão para durar quatro aulas, ler em voz alta o capítulo *A casa da vó Ota*, em seguida, pedir aos alunos que selecionem um recorte do texto a fim de criar uma ilustração que represente como imaginam a paisagem descrita. Disponibilizar folhas de papel sulfite para a realização da atividade.

Se houver dificuldade em identificar algum elemento descrito ou citado no trecho, possibilitar acesso a imagens por meio de sites ou acervo da biblioteca.

Após concluídas as ilustrações, solicitar que os estudantes falem sobre suas escolhas explicando as ilustrações, suas motivações e complementem expondo se sentiram dificuldade para a execução da atividade identificando-a.

Na terceira etapa destinada à leitura, com previsão para ser desenvolvida em cinco aulas, solicitar que os estudantes escolham voluntariamente os capítulos que seguem a fim de apresentá-los para a turma.

Listar os capítulos no quadro e pedir que escrevam seu nome ao lado do capítulo escolhido, se não houver êxito, proceder sorteio.

Para organizar a leitura e orientar a apresentação, pedir que respondam no caderno às seguintes questões sobre o material escolhido ou sorteado:

1. O que mais chamou sua atenção?
2. Sentiu dificuldade com o vocabulário?
3. O que você já sabia?
4. O que você descobriu?

5. Compare o que leu com a sua realidade atual:

Cada estudante deve apresentar seguindo a ordem sequencial da obra, contemplando suas anotações. Ao final de cada apresentação, abrir espaço de tempo para que os demais estudantes manifestem-se acerca do exposto.

Na quarta etapa destina à leitura do livro, com previsão para ser desenvolvida em uma aula, ler coletivamente os capítulos restantes a fim de concluir a obra e proporcionar um momento de diálogo e reflexão sobre a obra realizando uma roda de conversa para a exposição das impressões.

1.3.1.4 Momento 4

Produção de texto localizado em uma paisagem matinhense

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Analisar a apreensão dos estudantes sobre paisagem na composição literária e sua relação com o município enquanto fonte da paisagem descrita.

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, netbooks, rede de internet.

Metodologia:

Apresentar os objetivos e a dinâmica do encontro.

Retomar com os estudantes os elementos constitutivos de um texto de memórias usando trechos da obra trabalhada como exemplos. Maria Lúcia Aragão (1992) define textos de memórias aqueles em que o narrador e o autor fundem-se escrevendo sobre suas experiências pessoais, baseados em eventos ocorridos com o passar do tempo, segundo a autora “o memorialista faz uma segunda leitura do tempo vivido” (Aragão, 1992).

Enfatizar o cuidado com a escolha das palavras e construção dos períodos a fim de cumprir seus objetivos como autores e narradores.

Expor a proposta: os alunos devem escrever uma narrativa de memórias ambientada em Matinhos, atentando para a descrição da paisagem.

1.3.1.5 Momento 5

Produção de cartaz e grupos de discussão

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: oportunizar um momento de diálogo em grupos menores, de até quatro estudantes; verificar a interação dos estudantes quanto ao tema proposto; contribuir para a reflexão quanto à modificação da paisagem com o passar do tempo.

Recursos necessários: Netbooks, rede de internet, cartolinas, canetas hidrocor, imagens do município (escolhidas pelos alunos).

Metodologia:

Apresentar os objetivos e a dinâmica da atividade.

Dividir em grupos de até quatro estudantes para que discutam sobre a leitura e criem uma apresentação sobre o elemento que tenha sido mais interessante, considerando a modificação da paisagem com a passagem do tempo.

Acompanhar os grupos estimulando a percepção dos estudantes sobre os elementos escolhidos por eles com perguntas voltadas a cada assunto em particular, como se eles conhecem as variações de nomes de determinadas regiões, ou se já estiveram nos locais selecionados, entre outras.

Deixar os netbooks disponíveis e auxiliar quanto às pesquisas necessárias.

1.3.1.6 Momento 6

Apresentação dos cartazes - Seminário

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Verificar, por meio da expressão oral, a percepção dos estudantes quanto à modificação da paisagem ao longo do tempo; proporcionar um momento de reflexão sobre o sentimento dos estudantes em relação ao município de Matinhos; oportunizar o diálogo entre pares.

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, Educatron, rede de internet.

Metodologia:

Apresentar os objetivos e a dinâmica do encontro.

Explicar aos estudantes que devem mostrar não apenas os elementos visuais, mas também afetivos e curiosidades, quando pertinentes.

Iniciar as apresentações com uma sequência voluntária. Após cada exposição, abrir um espaço para questionamentos e/ou comentários.

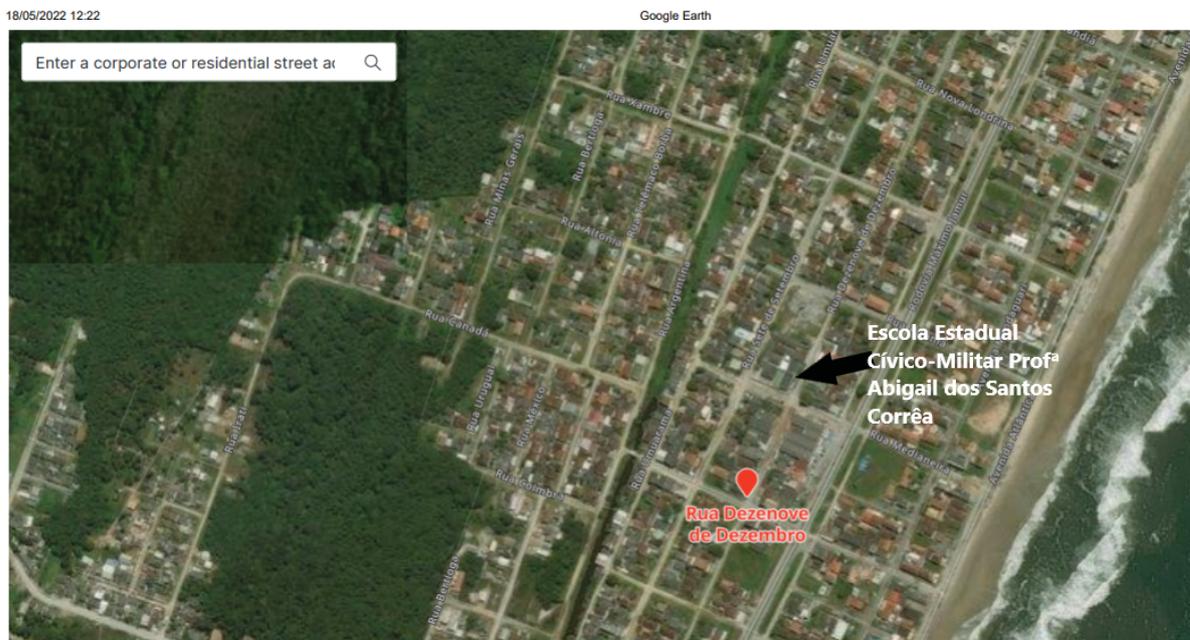
1.4 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

1.4.1 Escola e alunos

A Escola Estadual Cívico-Militar Professora Abigail dos Santos Corrêa, localizada à Rua 19 de Dezembro, sem número, Balneário Riviera, a

aproximadamente 2 quilômetros de distância do centro da cidade, no município de Matinhos – Paraná.

FIGURA 01 – LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA



Fonte: Google Earth – 2022 (Editada pela pesquisadora)

A instituição atende seus alunos desde o ano de 1994, conforme resolução nº 1092/94, de 3 de fevereiro do referido ano, a partir da resolução nº 3335/05, de 29 de novembro de 2005 e do parecer nº 701/05 do Conselho Estadual de Educação, foi reconhecida e regularizada. É considerada de pequeno porte, por ter apenas 5 salas de aula, comportando, no máximo, 10 turmas a cada ano letivo.

Mantida pela Secretaria de Estado da Educação, credenciada para a oferta de Educação Básica pela resolução nº 5415/2012, a escola obteve renovação de credenciamento pela resolução nº 769/2019, de 28 de fevereiro de 2019 e parecer nº 889/2019 - CEF/SEED.

No ano de 2020, juntamente com outras 216 escolas do estado, foi selecionada para passar pelo processo de consulta pública entre os membros da comunidade escolar a fim de passar a fazer parte do “Programa Escolas e Colégios Cívico-Militares do Paraná”.

O processo de consulta pública foi iniciado em todo o estado no dia 27 de outubro e encerrado dia 04 de novembro, porém na escola em questão, início e

encerramento foram no mesmo dia com a justificativa de que compareceram para participar cinquenta por cento do total de votantes mais um. Puderam participar responsáveis pelos alunos e funcionários das escolas, incluindo agentes educacionais e professores.

Mesmo sem tempo para analisar a proposta e sem informações claras, a consulta resultou em 126 votos favoráveis ao projeto e 31 contrários, de modo que, amparada pela Lei Estadual nº20.338/20, de 06 de outubro de 2020, e no Art. 28 da Deliberação 03/2013 - CEE/PR, a escola teve sua denominação alterada para Escola Estadual Cívico-Militar Professora Abigail dos Santos Corrêa - Ensino Fundamental a partir da publicação da resolução nº 148/2021 - GS/SEED, publicado no DOE/PR 10848, de 11 de janeiro de 2021, passando a usar nova identificação visual, FIGURA 2.

Pelo modelo adotado, a gestão passou a ser compartilhada entre um diretor geral civil, e um diretor militar, e a equipe acrescida de dois monitores militares. Para compor a imagem simbólica, muitos dos alunos receberam dois uniformes distintos, sendo um para uso diário, principalmente aulas de Educação Física, agasalho e um para ocasiões específicas, farda. Como o tamanho das vestimentas não correspondiam à realidade local, uma parcela dos estudantes não foi contemplada.

FIGURA 2 – LOGOTIPO DA ESCOLA



São assistidos estudantes do sexto ao nono ano, os quais costumam permanecer durante as séries finais na mesma escola, criando assim, certa familiaridade institucional e com alguns professores e demais funcionários, sendo que, pertencentes ao quadro fixo de docentes, há apenas 1 professora de língua portuguesa, 2 de matemática, 3 de ciências, 1 de arte, 1 de geografia e 1 de história, de modo que os demais permanecem temporariamente e são substituídos anualmente.

O prédio da escola é dividido em três instituições educacionais distintas e complementares. Além da escola com as séries finais do Ensino Fundamental, há um Centro Municipal de Educação Infantil e uma Escola Municipal de Séries Iniciais, conforme a FIGURA 3, o que faz com que os estudantes, muitas vezes passem sua vida escolar, no que diz respeito à maior parte da Educação Básica, no mesmo entorno.

FIGURA 3 – ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA



Google Earth – 2022 (Editada pela pesquisadora)

As características citadas anteriormente demonstram, além da familiaridade com o meio e o prédio, que a convivência entre pares, que se estende até o nono ano, fazendo com que muitos se conheçam desde muito novos, favorecendo espaços de diálogo.

Tradicionalmente, os estudantes participavam de uma condição socioeconômica semelhante, suas famílias eram sustentadas tanto por trabalhadores formais ou informais, com faixa salarial entre 1 e 2 salários-mínimos por família. Em 2021, com a adoção do sistema cívico-militar e questões econômicas relativas à pandemia, houve mudança no perfil citado, pois vários alunos foram transferidos de instituições privadas de ensino, aproximadamente 18% do total de estudantes, de acordo com dados obtidos no ato da matrícula.

Mesmo com as diferenças geradas pela adaptação do novo sistema implementado, sugere-se que não há modificações nas abordagens pedagógicas, na constituição do Projeto Político Pedagógico (PPP) e questões curriculares, permanecendo as mesmas orientações gerais a todas as instituições públicas estaduais.

Assim, foi selecionado para o desenvolvimento da pesquisa o nono ano, pois, além do já apresentado anteriormente, as principais referências curriculares adotadas pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná (Seed) - as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCE) em conjunto com os cadernos de expectativas de aprendizagens, de 2008 a 2019; o Currículo Regulamentado do Paraná (CREP) e o Currículo Priorizado - apontam conteúdos, conceitos e processos inerentes à série em questão que viabilizam o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa que não fique à parte da realidade das salas de aula.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONSTRUINDO A PAISAGEM

O espanhol Javier Maderuelo, em seu livro *El paisagem: génesis de um concepto*, apresenta as principais discussões sobre o termo e como foi apropriado culturalmente até chegar à contemporaneidade. Em sua obra insere

Augustin Berque⁴ nos adverte da existência de mal entendidos quando escreve: “As pessoas (compreendendo aqui os historiadores da arte, os etnólogos, os filósofos e outros conhecedores da coisa cultural) creem de

⁴ Geógrafo e orientalista francês. Reconhecido por buscar superar a objetivação da paisagem compreendendo-a na relação entre o objetivo e o subjetivo (Marandola, 2019).

boa vontade que todo ser humano goza da beleza das paisagens, e que a natureza em si mesma não pode ser mais que bela”. Efetivamente, as pessoas em geral, creem numa série de tópicos cuja origem poderíamos rastrear no romantismo; entre aqueles que estão mais arraigados se encontra a universalidade do conceito de beleza unida à ideia de natureza. Uma das primeiras coisas que precisamos fazer é desligar a ideia de natureza do conceito de paisagem, com o fim de que termos como paisagem natural não pareça redundante e que outros, como paisagem urbana ou paisagem industrial, não sejam considerados contraditórios. (Maderuelo, 2005, p. 17)

Seu uso diretamente relacionado ao universo artístico aparece inicialmente na China, século VIII, espalhando-se pelo oriente. Adentra na Europa no século XV, chegando a ser usada na Espanha apenas a partir do século XVIII (Maderuelo, 2005).

Neste processo, enquanto estudo acadêmico geográfico, foi associada “a paisagem a porções do espaço relativamente amplas que se destacaram visualmente por possuírem características físicas e culturais suficientemente homogêneas para assumirem uma individualidade” (Holzer, 1999, p. 151), entretanto, a construção do conceito moderno do termo sujeitou-se também às transformações históricas e às diferenciações linguísticas.

Ao longo do tempo, a mesma palavra assumiu significados diferentes a partir de sua tradução, sendo para os falantes da língua portuguesa: Paisagem; da língua inglesa: Landscape; da língua alemã: Landschaft. A primeira, mais proximamente derivada do francês *paysage*, em que *pay* relaciona-se a país, território, região, e, *age* a resultado de algo, ação, situação, demonstra uma relação direta com o lugar, natural ou artificial. Enquanto em outras traduções, peculiaridades da língua inferiram aspectos diferentes (Sandeville, 2005).

Para Maderuelo

A paisagem não é [...] o que está aí, diante de nós, é um conceito inventado ou, melhor, uma construção cultural. A paisagem não é um mero lugar físico, e sim o conjunto de uma série de ideias, sensações e sentimentos que elaboramos a partir do lugar e seus elementos constituintes. A palavra paisagem [...] reclama também algo mais: reclama uma interpretação, a busca de um caráter e a presença de uma sensibilidade. [...] A ideia de paisagem não se encontra tanto no objeto que se contempla como na mirada de quem contempla. Não é o que está a sua frente e sim o que se vê. (2005, p. 38)

O Professor de Literatura Michel Collot (2013) a define como algo que “não é a natureza pura e simplesmente, mas o que tem existência própria” e sugere que a busca da compreensão sobre como são construídas as significações da paisagem

para o indivíduo deveriam partir dos conhecimentos psicofisiológicos, fenomenológicos e psicanalíticos. No que diz respeito a psicofisiologia, destaca 3 processos:

a) a *seleção* estreitamente ligada ao ponto de vista enquanto horizonte, a visão encarrega-se de selecionar o que é possível observar e organizar as informações de acordo com as possibilidades do indivíduo sobre o que é aceitável ou não. O excesso de informações visuais dificulta o processo de interpretação. Logo em seguida, o indivíduo as interpreta a partir de sua experiência e aprendizagens socioculturais;

b) *antecipação presumível*, é o que possibilita completar as lacunas com o que não pode ser observado, porém assume-se como verdade. Quando a imagem é captada, presume-se que ela faz parte de algo maior, mesmo que não seja visto. Assim, ocorre a exclusão de elementos visíveis que não pertencem ao padrão de organização do observador e ao mesmo tempo, inseridos outros que, para ele, devam estar presentes;

c) uma *relação*, pois cada elemento é percebido como parte de um contexto ou em relação a algo. (Collot, 2012).

Para o autor, a paisagem assume duplo sentido, como horizonte, podendo ser confundida com o campo visual de quem olha e, ao mesmo tempo, como consciência, pois o sujeito se confunde com seu horizonte. Nela, o indivíduo não é posicionado em uma relação de exterioridade, pois deve-se entender que o sujeito faz parte do espaço e o espaço faz parte do sujeito.

2.1.1 A paisagem sob a ótica da fenomenologia

A fenomenologia é uma abordagem do conhecimento desenvolvida pelo filósofo e matemático alemão Edmund Husserl no início do século XX. Seu trabalho foi dedicado a superar a oposição entre o objetivismo e o subjetivismo propondo a indissociabilidade entre eles (Ziles, 2007).

Inicialmente, a fenomenologia estudava as experiências essenciais da consciência⁵ pura, não mundana, como elas se revelavam, como um plano

⁵A consciência, para Franz Brentano, “retém em si mesma o mundo, com todas as realidades nele contidas a título de objetos intencionais”. Mas, por outro lado, o mundo continua sempre transcendendo a esfera imanente da consciência e esta se encontra em contínuo movimento de dar sentido e constituir as realidades” (ZITKOSKI, 1994, p. 54) e para Husserl, “a condição de

unicamente individual, tais como eram dadas, sem permitir outras referências, ou inferências. Ao longo de seu trabalho, passou a assumir que a reflexão fenomenológica se dá pelo tempo vivido e pela subjetividade, sendo que muitas das estruturas da construção de significados não estão apenas na consciência individual, mas em sua relação com o mundo (Santaella, 2012).

Para Husserl, é a consciência que *doa* significados às coisas e estas apenas recebem os significados. A “fenomenologia procede elucidando visualmente, determinando e distinguindo o sentido. Compara, distingue, enlaça, põe em relação, separa em partes ou segrega momentos” (Husserl, 2000), assim faz o indivíduo deixar de ser mero observador de objetos que o cercam e participar de uma experiência nova.

Seguindo a mesma ideia apresentada sobre a construção de significados e de sua relação com os espaços vividos, Merleau-Ponty (1999) trabalhou com a *fenomenologia da percepção*, distinguindo o espaço antropológico do geométrico⁶ e situando o primeiro como lugar de experiência e relação intrínseca com o mundo; e Bachelard (1993), com a *poética do espaço*, tratou a imagem como algo que emerge na consciência com fruto da emoção, da profundidade do sentimento do indivíduo e de sua atualidade.

Pensar em uma paisagem constituída a partir da ideia de fenômeno é assumir a presença do invisível no que é visível, nos seus valores, abstrações, potencialidades e mudança constante (Serpa, 2021). Para Merleau-Ponty (1999), o invisível é revelado por meio de todos os nossos sentidos, não apenas da visão, fazendo com que a composição paisagística seja carregada de sensações que não apenas presentes no olhar.

O autor propõe que este mundo, percebido e subjetivo, existe como um *intermundo* localizado na interseção entre o mundo de um indivíduo e de outro, pois é realizado pelo encontro deles. Assim, existem composições universalizadas, que partem como um ponto comum, mas que não são percebidas por todos os indivíduos da mesma maneira e não trazem as mesmas sensações.

possibilidade de toda a construção do conhecimento” (ALVES, 2013).

⁶ O espaço antropológico relaciona-se ao universo mítico, onírico, próprio de conteúdos particulares e constituintes da consciência, enquanto o espaço geométrico constitui-se da materialidade, do mundo que cerca e do qual faz parte o ser (OLIVEIRA, FURLAN, 2017).

Gaston Bachelard (1993) aborda a paisagem com a produção das atividades terrestres (geológica, geográfica, ecológica e cósmica), sugerindo uma *poética da paisagem* em que a trata como uma experiência, uma necessidade de vivenciá-la, senti-la.

De modo que, a forma de representar a paisagem está diretamente relacionada à motivação e à maneira de estar nela, sendo o ser humano, parte constitutiva desta. Merleau-Ponty afirma que que indivíduo vê o mundo de dentro dele, não do seu exterior, pois o mundo está ao seu redor e não diante dele.

Bachelard chama a atenção para a troca do processo assumido de objetificação do espaço descrito pela transformação do objeto em uma representação, possibilitando repensar a paisagem com o uso da imaginação (Huang, 2016).

Huang aponta 3 aspectos que auxiliam a entender a concepção de paisagem proposta por Bachelard: “a imaginação material e dinâmica, a intimidade cósmica e a leitura” cada um deles respectivamente

- (1) A paisagem é usada para descrever o estado da alma, mas não é um espelho que reflete o estado da alma tal qual. A paisagem existe, simultaneamente, dentro e fora; do interior, a paisagem mostra como a alma e o espírito se formam para criar os tons mais delicados e escavar as profundezas no fundo da alma. [...]
- (2) A paisagem serve como índice do cosmos. [...] O homem está inscrito no mundo por essa estrutura. A paisagem convida o homem por meio da acolhida e também por meio do ataque. [...]
- (3) A paisagem não é um objeto separado das atividades humanas, dos esforços humanos e do discurso sobre a felicidade. A paisagem deve ser entendida como um lugar habitado e pode-se atribuir-lhe um sentido ético. [...] (HUANG, 2016, p. 86-87)

2.1.1.1 A percepção

A fim de conceituar percepção, serão apresentados três autores, respectivamente com abordagens nas áreas da ecologia, semiótica e fenomenologia.

James Gibson, fundador da Ecologia da Percepção, aborda em suas obras uma forma mais voltada a como percebemos algo em um sentido visual. Para ele (Gibson, 1950) a percepção ocorre de um modo dinâmico em que os estímulos sensoriais são processados por meio da interação entre o agente e o ambiente. O agente fixa vários pontos de imagem que são enviados ao cérebro e estabelece uma

sequência passível de interpretação, sendo essa carregada de significado para ele. Em sua obra, o autor aponta três estágios visuais perceptivos: no primeiro, nada é novo para o observador, as imagens já estão estabelecidas mentalmente; no segundo estágio, são notados novos elementos, físicos, fisiológicos, novas formas, cores e aproximações; e, no terceiro, ocorre a nova definição do que foi percebido anteriormente.

Na abordagem semiótica, James Pierce insere mais elementos ao considerar, além dos elementos visuais e repertórios já experimentados, o fluxo do pensamento, a natureza dos signos sociais e as tendências generalizantes dos julgamentos perceptivos. Para ele, a natureza da percepção depende de um objeto tido como real, generalizado e reconhecido socialmente que, inicialmente, independe da interpretação do intérprete, e passa a ser transmutado pela criação de um significado próprio numa relação contínua entre o objeto, o interpretante e o que é interpretado. Assim, devemos entender que a percepção, neste caso, é fruto de nossa imaginação, de nossos desejos e de nossos pensamentos (Santaella, 2012).

Dentro da fenomenologia, Maurice Merleau-Ponty traz a percepção como uma habilidade natural, inerente ao ser, qualquer que seja seu padrão cultural, capaz de ligá-lo ao mundo e assim, partilhá-lo (FERRAZ, 2009). Assim, ela é o primeiro acesso aos lugares e a todas as coisas, e dela dependem nossas sensações e nossos julgamentos (SANTAELLA, 2012).

2.1.2 A paisagem e a percepção a partir da experiência

Experiência pode ser tanto um termo que abrange as mais variadas formas de se conhecer e construir a realidade, como por meio dos sentidos (visão, olfato, tato, paladar, audição), quanto um termo que se relaciona com a passagem do tempo e/ou desenvolvimento de um indivíduo a partir do que já vivenciou.

Michael Oakshott (1993) expõe que as maneiras de experimentar algo vão desde os sentidos mais passivos até os mais ativos, perpassando sensação, percepção e concepção, incluindo as emoções e o pensamento durante o processo.

Nesse contexto, Tuan (1983) acrescenta que as emoções e o pensamento dão *colorido* a toda experiência humana, pois incluem e qualificam as sensações atribuindo-lhes significados rapidamente como agradáveis ou desagradáveis, por

exemplo. Determinadas cores podem gerar sensações boas ou ruins, determinados lugares podem ser mais atrativos para algumas pessoas do que para outras.

Assim, para o autor, ser experiente sugere ter sofrido ou suportado a ação de algo e, assim, desenvolvido algum aprendizado a partir desta vivência. O que significa uma habilidade de atuação e criação a partir dela, ou seja, uma realidade transformada pela experiência.

Nesse sentido, o significado atribuído ao que nos cerca é fruto de um processo criativo e seletivo organizado pelos estímulos ambientais, predominantemente visuais (Gibson, 1950), que depende do indivíduo e de suas preferências, as quais resultam do cotidiano, da formação cultural, herança biológica e ambiente físico (Tuan, 1980).

As práticas do cotidiano, como as de moradia, trabalho, educação, transporte, entre outras, constituem as situações vivenciadas, promovem a criação de espaços próximos ou íntimos que contribuem com o modo como a paisagem é percebida (Serpa, 2020), e determinam o que recebe maior ou menor destaque ao olhar.

Sobre o olhar, Gomes aponta a construção histórica do ser humano sobre a valorização da paisagem, buscando por vezes reconhecer a habilidade humana ou a representação da natureza como elemento de superioridade, numa representação de poder (2013).

Ângelo Serpa expõe que “a experiência da paisagem também é estética”, pois algumas sociedades foram educadas a perceberem-na apenas como elemento natural, caracterizando-a a partir do que pode ser visto como belo, e destaca a necessidade de considerar lugares como uma praça, uma rua, como merecedores do mesmo valor (Serpa, 2020).

Ao pensar nos trechos que são percorridos todos os dias, locais que os olhos visitam, lugares que lembranças habitam, não necessariamente são compostos de estruturas bucólicas ou grandiosas, e estas são as paisagens pessoais que fazem parte da rotina e que habitam a lembrança, podendo ainda ser combinadas com prazer estético ou com revelações inesperadas (aspectos antes não observados/valorizados).

Aproximando ao conceito de lugar⁷, tal proposição vai ao encontro da obra *Topofilia*, escrita por Tuan. Ele define o termo como “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” e apresenta a relação desenvolvida entre indivíduos ou

⁷ Para Tuan (1983), “o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.”

comunidades e um ou mais lugares (1980). O autor escreve também sobre as diferentes maneiras de perceber uma paisagem a partir da experiência de quem a observa, exemplificando com os pontos de vista de turistas e de moradores locais sobre determinada cidade ou ponto turístico.

Nativos de uma região normalmente já desenvolveram uma relação afetiva com o local onde moram, e mais complexa dadas as possibilidades de sobrevivência, localização, economia e relações sociais cotidianas. Turistas, ou visitantes, tendem a focalizar quadros específicos por consequência de seus objetivos.

2.2 PAISAGEM NA LITERATURA

Para Michel Collot (2015) “a paisagem se situa, histórica e socialmente, entre um pensamento simbólico do Lugar, que dominou a Antiguidade clássica e a Idade Média, e um conhecimento científico do espaço que se desenvolve nos Tempos Modernos”. O autor define *lugar* como uma delimitação topográfica e cultural, onde se compartilham os mesmos códigos de valores, crenças e significações.

Professor de Literatura, Collot dedica sua pesquisa a desvendar a paisagem por meio da abordagem fenomenológica, acreditando em sua estreita ligação com o ponto de vista de um indivíduo que tem seu campo visual delimitado pelo visível e invisível ao mesmo tempo. Para o professor, ela confere sentido ao mundo, não apenas como construção coletiva, mas como experiência singular estreitando vínculos sensoriais, simbólicos e afetivos.

Dentro da história literária, inicialmente, a paisagem ganhou destaque na Europa com o Romantismo⁸, por se tratar de um período de valorização da expressão da sensibilidade, principalmente nas composições líricas em que as sensações e sentimentos do indivíduo abrem-se do mundo interior para o exterior (Collot, 2015).

No Brasil, durante o período pertencente à mesma escola literária, marcado pela tentativa de construção de um instinto de nacionalidade, a presença da paisagem também foi marcante e bastante exaltada nas composições em verso e em prosa. Ela comportava o sentimento de nativismo – celebração de afeto pelo país, predominando o sentimento envolvendo a natureza – adicionado ao patriotismo

⁸ Iniciou na Europa no século XVIII e, no Brasil no século XIX.

como uma maneira de valorização do que era próprio em oposição ao que era imposto (Cândido, 2000).

Os elementos descritivos presentes nas obras tinham o papel de servir como um meio de libertação da universalidade. As paisagens, muitas vezes, fundiam elementos locais com exóticos inspiradas em obras de arte, como telas e poemas, europeias, construindo no imaginário um jardim tropical.

Figueiredo (2012) destaca como exemplo as obras de José de Alencar, pois, com grande influência em ideais estéticos europeus, descreve a fauna e a flora brasileiras cuidadosamente, associando objetividade e subjetividade, “consciente da necessidade de cumprir a missão de, pelo entrelaçamento de imagens, criar o país” com o objetivo do ideal nacionalista.

A vegetação nessas paragens ostentava outrora todo o seu luxo e vigor; florestas virgens se estendiam ao longo das margens do rio, que corria ao meio das arcarias de verdura e dos capitéis formados pelos leques das palmeiras. (ALENCAR, 2003, p. 10)

Predominantemente formada por elementos naturais e com ênfase em sua beleza, mesmo em obras que procuravam maior aproximação com o cotidiano, utilizavam-se referências descritivas objetivas e relacionadas à vida social (Figueiredo, 2012).

Mas foi no Indianismo que a paisagem, como ideal estético natural, foi mais utilizada. Obras como *Ubirajara*, de José de Alencar, representaram o indígena como símbolo de herói nacional, exemplar em forma física e força moral, e o ambiente em que está inserido como imagem de grande exuberância (Cândido, 2000).

Cada um dos campeões pôs na luta todas as suas forças, bastantes para arrancar o tronco mais robusto da mata.

Ambos, porém, ficaram imóveis. Eram dois jatobás que nasceram juntos e entrelaçaram os galhos ligando-se no mesmo tronco.

Nada os desprende; nada os abala. O tufão passa bramindo sem agitá-los; e eles permanecem quedos pelo volver dos tempos. (ALENCAR, 1984, p.15)

Como oposição à idealização característica do Romantismo, surgiram Realismo⁹ e o Naturalismo¹⁰, escolas literárias que substituíram a representação supervalorizada dos meios sociais e naturais por uma mais próxima da realidade que se apresentava.

Com os avanços e também a aceitação do conhecimento desenvolvido nos campos das ciências sociais e da biologia no final do século XIX e início do século XX, e a popularidade conquistada pelo darwinismo, fazendo com que o livre pensamento ganhasse espaço frente aos ideais religiosos, o tradicionalismo deu lugar aos progressos materiais e políticos perante uma modificação inevitável dos padrões de vida. As explicações científicas, da biologia, psicologia, sociologia, tornaram-se cada vez mais atraentes à sociedade da época.

Na literatura, o ser humano passou a ser tratado como ser biológico e ter suas afinidades com os demais animais contempladas. Foi integrado ao ambiente natural em sua origem e história. A sociedade, retratada como organismo que obedece às leis naturais da vida, desenvolvimento e morte e a paisagem, fator determinante às condições da existência (Coutinho, 1970).

No Realismo, de acordo com Afrânio Coutinho (1970), as obras deveriam apresentar a vida como é e não como deveria ser, de maneira objetiva e sem intervenções da subjetividade do escritor. Foi uma escola literária responsável por trazer à cena os humildes como protagonistas, o lado obscurecido da sociedade, o que até então era marginalizado no Romantismo: as pessoas comuns, o bem e o mal presentes em cada um, o requintado e o rude convivendo lado a lado. Em conjunto com o Naturalismo, fez com que as periferias, as minas, os cortiços, fábricas, também fizessem parte da paisagem, por serem correntes literárias com enfoque nos problemas sociais.

O Naturalismo, vale ressaltar, embora muitas vezes confundido com o Realismo, tem como característica maior rigor científico e uma abordagem mais materialista sobre as relações humanas como entidades biológicas beirando o primitivismo e a adesão das correntes deterministas, positivistas, como é possível observar no trecho a seguir

⁹ Seu início no Brasil foi marcado pela publicação da obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, em 1881.

¹⁰ Representado pelo romance O Mulato, de Aluísio Azevedo, em 1881.

E aquilo se foi constituindo numa grande lavanderia, agitada e barulhenta, com as suas cercas de varas, as suas hortaliças verdejantes e os seus jardinzinhos de três e quatro palmos, que apareciam como manchas alegres por entre a negrura das limosas tinas transbordantes e o revérbero das claras barracas de algodão cru, armadas sobre os lustrosos bancos de lavar. E os gotejantes jirais, cobertos de roupa molhada, cintilavam ao sol, que nem lagos de metal branco.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco. (AZEVEDO, 10-11)

Na tentativa de romper as amarras da tradição estética tradicionalmente adotada até então, nasceu o Modernismo no Brasil, movimento que pretendia criar “uma arte genuinamente brasileira, filha do céu e da terra, do Homem e do mistério”, como proferido por Menotti del Picchia durante a Semana de Arte Moderna de 1922, mesmo num cenário conflituoso, no qual, de um lado estavam os escritores que aderiram à ideia da inovação e de outro, os que preferiram preservar sua personalidade conservadora (Coutinho, 1970).

Nas obras literárias, praças, prédios e asfalto passaram a compor a paisagem do ser urbano, representando a atualidade do século XX. O desenvolvimento da atividade industrial, a insatisfação dos operários, instabilidade política, neste contexto as ruas das grandes cidades, como São Paulo, eram onde ocorriam os conflitos, internos ou externos, em um período marcado por manifestações sociais.

A fim de descentralizar o foco da produção literária nacional, em 1926, foi realizado, em Recife, o Congresso Brasileiro de Regionalismo. De acordo com Gilberto Freyre (1926) “os regionalistas brasileiros viam no amor à província, à região, ao município, à cidade ou à aldeia nativa, condição básica para obras honestas, autênticas, genuinamente criadoras”, construindo, assim, uma paisagem ainda mais próxima de cada região e de cada realidade, possibilitando valorizar traços socioculturais distintos, aspectos geográficos e arquitetônicos (Coutinho, 1970). Como no trecho da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão. Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês. Imaginara retirar uma porção de gado para a serra. Mas, sabia lá? Na serra, também, o recurso falta... Também o pasto seca... Também a água dos riachos afina,

afina, até se transformar num fio gotejante e transparente. Além disso, a viagem sem pasto, sem bebida certa, havia de ser um horror, morreria tudo. (2012, p. 2-3)

Seguindo as mudanças de cenário, na década de 1950 é publicado *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, localizando a favela e suas mazelas no centro urbano. Com uma linguagem simples e direta, ela descreve os arredores dos barracos e seu cotidiano.

21 DE MAIO Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito tempo ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha (JESUS, 2014, p. 39).

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio. Os homens desempregados substituíram os corvos” (JESUS, 2014, p. 54).

2.2.1 O que é espaço na obra literária

Osman Lins explica em sua obra *Lima Barreto e o Espaço Romanesco* (1976) que mesmo quando o espaço é impreciso em algumas narrativas, concentrando as ações em aspectos psicológicos de personagens, com uma carência de significados históricos ou sociológicos, ou sendo apenas circunstancial, é fundamental para a progressão do enredo e chega a ocupar uma posição de destaque.

Acompanhando a história da literatura, é possível notar que alguns espaços são grandiosos e extremamente simbólicos, como os castelos e campos de batalhas para as novelas de cavalaria ou o oceano para o clássico *Moby Dick*. Embora pareçam óbvios para o desenvolvimento do enredo proposto são capazes de despertar as mais variadas sensações contribuindo para a progressão sequencial dos eventos e construção das personagens envolvidas (Lins, 1976).

Não é intenção classificar ou tipificar o termo dentro da narrativa, visto que ele passeia do que se assemelha ao real até o sobrenatural, pois é suficiente para esta

discussão ater-se às suas funções para a produção e apreciação da obra literária e suas aproximações com a realidade vivida.

Para Lins

O espaço no romance tem sido – ou assim pode entender-se – tudo que, intencionalmente, enquadra a personagem e que, inventariado, tanto pode ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo, inclusive ser constituído por figuras humanas, então coisificadas ou com sua individualidade tendendo para zero. (LINS, 1976, p. 72)

Deixando de considerá-lo como um elemento estático, o autor aponta para a superação do que é denotativo ampliando as possibilidades de interação, de progressão de eventos e de procedimentos de leitura.

Fato é que o espaço no texto narrativo, caracterizado e transformado no ambiente onde se passa a história, excede a função de localizar geograficamente uma região ou apresentar uma estrutura composta por elementos materiais de modo a fixar logicamente personagens e ações no plano físico (Filho, 2008). Dentro das narrativas literárias, ele tem uma relação de interdependência com o tempo e contribui para a progressão dos eventos, caracterização de personagens e determinação de sua conduta (Lins, 1976).

As personagens podem ser descritas, física e psicologicamente, de acordo com o meio onde estão inseridas, além de serem influenciadas tanto em seu comportamento constante quanto em ações espontâneas, previsões do leitor em relação a acontecimentos futuros, como a inserção de uma silhueta em um ambiente escuro; além de possibilitar a integração da personagem à paisagem, e propiciar ações (Filho, 2008).

Outras funções são relacionadas à percepção do espaço enquanto paisagem: a contribuição para representar os sentimentos vividos pelas personagens, tratando-se frequentemente da descrição de ambientes casuais ou transitórios que estabelecem uma analogia entre as emoções e os elementos apresentados como céu azul numa composição de tranquilidade, pássaros cantando, sugestão de cores aludindo à alegria ou tristeza; ou mesmo de estabelecer um contraste do sentimento experimentado no momento descrito, como um momento de profundo terror da personagem ser ambientado em um lugar como uma festa infantil, com crianças brincando e cantando (Lins, 1976).

Lins (1976) ressalta que o espaço do romance não é o mesmo do mundo real, é inventado, por mais que se aproxime da realidade do autor ou do leitor, e ele está ligado ao tempo também pelo olhar e pela subjetividade de quem o interpreta.

2.2.2 Estudos da paisagem na Literatura

Um dos pioneiros no desenvolvimento dos estudos da paisagem em obras literárias foi o Professor Yi-Fu Tuan, publicando sua obra *Topofilia* em 1974, seguida por *Literature, Experience and Environmental Kowing*, em 1976 e *Literature and Geography: implications for geographical research*, parte da coletânea *Humanistic Geography: prospects and problems*, em 1978. Na década de 80, Douglas Pocock, professor da Universidade de Durham, seguiu a mesma linha de estudos publicando *Humanistic Geography*, em 1981, e *Geography and Literature*, em 1988.

Autores de língua francesa também apresentaram contribuições importantes ao tema: em 1976, Armand Frémont publicou *La région, espace vécu*, seguido por Antoine Bailly com *La perception de l'espace*, em 1977. Em 1990, Bailly e Robert Scariati, lançaram *L'Humanisme em Geographie*. Bertrand Lévy, professor da Universidade de Geneve, em 1989, publicou *Géographie humaniste et littérature: l'espace existentiel dans l'oeuvre*, obra seguida por *Geographie et littérature. Une synthèse historique* (2006) e *Paysages urbains nocturnes et littéraires. Exemples pris à Tokyo et Paris* (2009). Seguidos por outros pesquisadores.

Para Tuan (1983), nos romances, os escritores conseguem captar o espírito do lugar e, por meio de sua habilidade de descrever a personalidade da paisagem, mesclam uma realidade subjetiva e objetiva. Na literatura, ela assume um caráter humanizado, afetivo e simbólico, tornando-se, além de cenário, personagem das narrativas.

O significado atribuído à paisagem, nesse encontro entre Literatura e Geografia, reveste-se de múltiplos sentidos a partir da junção vivida tanto pelo escritor quanto pelo personagem criado por ele (Tuan, 1978).

Os autores e obras citados dedicaram seus estudos à geografia presente nas obras literárias,

“ora como fonte de informação primária e secundária, ora como relato subjetivo da experiência do espaço e do lugar, ora como denúncia da ordem estabelecida e estímulo à mudança; ora como um meio para abordar a

história da Geografia, ou ainda como recurso didático no ensino da própria Geografia” (CHOUPINA, 2005: 34)

Em contrapartida, Michel Collot, Poeta, Professor de Literatura, fundador e diretor da associação Horizon Paysage, é uma das maiores referências sobre estudos da paisagem e literatura contemporânea.

No Brasil, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro é um dos principais nomes nesta área. Entre seus textos, livros e artigos sobre o assunto, estão *O conteúdo geográfico em espaços romanescos* (1988), *O significante ambiental em Sobrados e Mucambos* (1996), *O espaço iluminado no Tempo Volteador* (1998) e *O mapa e a trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas* (2002). Seguido por Solange Terezinha de Lima com *Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem* (2000).

Monteiro (2002), seguindo as ideias de Douglas Pockock, afirma que “a concretude territorial de que se reveste a ‘paisagem’ amplia-se e torna-se bastante complexa quando se lhe associa a ‘condição humana’” e toma como exemplo as obras *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, e *Canaã*, de Graça Aranha, entre outras. Para ele

Cada tradição cultural fornece uma visão particular de mundo que o reveste de uma estrutura espaço-temporal. Começando pela casa – fornecedora da noção corpórea de abrigo e segurança -, os lugares se ampliam à cidade, ao campo, à região, ao país, ou seja, em diferentes unidades escalares que podem ser definidas geograficamente. A este espaço exterior, contrapõe-se aquele outro, de dentro do indivíduo, para a passagem dos quais se realiza aquela ‘viagem’ (ler já é viajar) ao mesmo tempo trajetória física e moral, externa e interior, real e simbólica, que pode conduzir tanto à noção do cheio quanto a do vazio. À noção de realidade geográfica, juntar-se-ia aquela outra, antropológica do imaginário.” (MONTEIRO, 2002, p. 14)

Nas obras literárias, o ambiente onde ocorrem os fatos narrados não são tratados apenas como fundo e sim como parte da dinâmica que constrói a história, trazendo equilíbrio, expressando sentimentos, momentos de equilíbrio ou desequilíbrio, auxiliando na passagem de tempo e localização tanto histórica quanto geográfica, contribuindo para evidenciar as experiências vividas ou imaginadas. “A Literatura proporciona uma visão mais detalhada dos lugares” (Lima, 2000).

Sobre os valores atribuídos ao espaço, as obras literárias mostram-se como fontes de recursos capazes de despertar a atenção das pessoas a lugares ou elementos que poderiam passar despercebidos, ou não serem tão valorizados. Ao

descrever em sua obra um lugar carregado de afetividade, o escritor pode destacar aspectos impregnados de sua emoção, da mesma forma, lugares já conhecidos assumem certas individualidades, descrições frutos de pesquisas podem apresentar um caráter mais generalizado, sempre passando pelos filtros de percepção do escritor (Lima, 2000).

Ao passo que para Olanda e Almeida, as informações presentes nas obras retratam a condição humana, seus estilos de vida, a economia, características socioculturais, sem a rigidez e objetividade do texto científico (2008). Pois

reconhece-se a obra literária como documento de certa realidade, por situar coletividades ou indivíduos de certo lugar. Com suas criações os escritores refletem uma visão de vida, de espaço, de homem e de lugares de uma determinada sociedade em certo período. Assim, posto, as obras literárias revelam-se fontes para a compreensão da experiência humana. (OLANDA e ALMEIDA, 2008, p. 8)

2.2.3 Paisagem e lugar: a questão do pertencimento

Como já discutido anteriormente, a paisagem traz um recorte não apenas visual, mas também auditivo, olfativo, tátil, e pode despertar emoções a partir das lembranças daquele que a observa.

Dentre tais emoções, pode existir a relação de afeto criada pelo que está exposto. Esse afeto, como um laço criado entre o recorte espacial e o observador, aproxima a definição de paisagem à de lugar que, de acordo com Tuan (1983), é diretamente ligado ao afeto, à percepção e à criação de significados.

A partir da criação de significados, de como é percebido, e da afetividade entre o indivíduo e o espaço, nesse caso o recorte criado pela observação da paisagem, a paisagem acaba aproximando-se do que se entende por lugar.

Tuan (1983) trata espaço e lugar como termos com familiaridade, porém, sentidos complementares, em que o espaço é tido como algo mais generalizado, comum, e o lugar é algo específico, carregado de significados. Sob essa perspectiva, podemos trazer a noção de paisagem inicialmente como algo, também, generalizado, em que há elementos comuns a todos, porém, ao atribuir-lhe um sentido próprio, torna-se única.

Da mesma forma que um morador de determinada região tende a observar e perceber a paisagem desta de modo diferente de um indivíduo morador de outra

região, pois sua relação com o que está posto é estabelecida de formas distintas e assim constrói seus significados (Tuan, 1980).

Esse modo diferente de perceber a paisagem ocorre pela familiaridade do morador com o lugar, que é associado a lembranças responsáveis pela construção de uma identidade de lugar.

Para Proshansky (1976), a identidade de lugar é construída a partir das vivências do indivíduo e de sua relação estabelecida com o entorno físico, bem como de suas características que passam a compor seu modo de sentir, agir e atribuir valores. É o ambiente físico incorporado ao indivíduo e manifesta-se por suas preferências, conduta e emoções.

Sobre a relação entre o indivíduo e o lugar, Tuan (1980) traz o conceito de topofilia tratando da afetividade constituída entre eles e acrescenta que “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma as nossas alegrias e ideais”. Ou seja, desperta nossas lembranças a partir das experiências.

Tuan também reforça que a experiência com o lugar pode ser íntima, direta ou conceitual, indireta (1983). Sobre isso, explica que assim como uma casa e um bairro, a primeira traz vivências mais próximas, pessoais e íntimas, assim será a experiência; enquanto o bairro, embora faça parte do cotidiano, é mediado por uma relação construída por meio de símbolos, como ruas, comércios, igrejas, tornando-se assim mais impessoal e indireta.

Ambas as experiências fazem parte da construção da identidade, pois constituem o entorno físico do indivíduo e , assim, contribuem para a sensação de pertencimento ou não desse indivíduo com o meio.

Esse pertencimento só é vivido quando o indivíduo passa a reconhecer e criar laços afetivos com o lugar, sentindo-se parte dele e passar além de residir a habitar o lugar. Para Orr (2006)

O residente é um ocupante temporário, que finca poucas raízes e investe pouco, conhece pouco e talvez só se importe com o lugar na medida da sua capacidade de lhe oferecer gratificação imediata... O habitante, ao contrário, “vive”, numa relação íntima, orgânica e reciprocamente nutritiva com o lugar. (p. 121)

De modo que ao perceber-se parte do lugar, passa a habitá-lo pertencendo reciprocamente um ao outro.

2.3 GIGI: DE VOLTA AO PASSADO, UMA OBRA MATINHENSE

FIGURA 4 - Capa do livro



Acervo próprio, 2005

O livro *Gigi: de volta ao passado* foi escrito por Jocelina Santana Bonatto, conhecida como “Dona Gigi”. Nascida em Matinhos, em 1935, atuou

profissionalmente como professora, primeira inspetora municipal, cargo que seria atualmente nomeado como secretária de educação, e secretária geral da prefeitura.

Trata-se de uma obra escrita sobre sua vida e a cidade de Matinhos, a pedido de seu filho, Hamilton, enquanto passava dias na chácara da família localizada na Colônia do Cambará, antigo Areial.

O material foi redigido à mão em um caderno, aos poucos e, tanto a digitação quanto a revisão foram realizadas por membros da família. A impressão, com uma tiragem de 1000 cópias, foi viabilizada pelos filhos, em 2005, e os livros foram distribuídos gratuitamente, bem como, disponibilizados em pdf¹¹.

É um livro de memórias, com 38 capítulos disponibilizados em 82 páginas, que mostra a cidade de Matinhos a partir do olhar da autora/narradora, com elementos pré e pós-textuais de composição de filhos e neta, como a poesia presente nas páginas 11 e 12, da neta Marlize Bassfeld, intitulada *Minha Família*.

Nesse tipo de obra, autor e narrador assumem papel conjunto, trazendo a memória como um resgate do que foi vivido, por meio da lembrança, transformado em linguagem (Agostinho, s/d). Agostinho (s/d) afirma que “a lembrança traz a experiência ao consciente para ser avaliada, confirmada ou rejeitada por uma ética”, ou seja, a composição da narrativa passa uma seleção por conta, inicialmente, do que é significativo e está fixado na consciência do autor.

Assim, durante o processo de leitura da obra, devem ser levadas em conta as condições temporais, espaciais e as escolhas da autora/narradora.

O texto de apresentação, escrito pelos filhos, já denuncia o teor afetivo que acompanhará o leitor, trazendo brevemente a trajetória da personagem como mulher de uma época sendo filha, esposa, mãe e profissional orgulhosa de suas raízes.

De início, Dona Gigi apresenta a obra com o texto *Lembranças*, em que escreve:

A maioria de nós em determinada época de sua vida, sente a necessidade de visitar, conhecer ou recorrer às nossas origens; o lugar onde nascemos e vivemos, muitas vezes, grande parte de nossa existência. Os fatos marcantes de nossa infância que surgem atropelando nosso inconsciente tomam conta de nossa cabeça, às vezes, com tamanha intensidade que sentimos odores, velhos conhecidos nossos: cheiro de terra, grama, do mar, do orvalho nas folhas nas flores e das árvores; essas mesmas árvores que nos estendiam os braços para um balanço, uma sacudidela, uma escalada perigosa longe do olhar vigilante dos nossos pais! (Cuidado pra não cair menina!) Este cheiro também nos relembra o sabor das frutas (que nunca mais foi o mesmo, pois não se fazem mais goiabas,

¹¹ Informações obtidas em entrevista realizada com Hamilton Bonatto, filho da autora, via aplicativo Whatsapp, no período de 05 a 18 de abril de 2022.

pitangas, carambolas, jabuticabas, como antigamente). O banho no riacho, na cachoeira, na água cristalina. Saudades, nostalgia, suspiro profundo. (Bonatto, 2005, p. 9)

Quando a autora/narradora insere o trecho “A maioria de nós em determinada época de sua vida, sente a necessidade de visitar, conhecer ou recorrer às nossas origens; o lugar onde nascemos e vivemos, muitas vezes, grande parte de nossa existência.” (BONATTO, 2005. p. 9) estabelece sua condição no tempo e no espaço deixando evidente sua posição em relação ao discurso utilizado no processo de escrita e continua afirmando o valor das lembranças como fonte do que é narrado e descrito.

A escolha do recurso de enumeração, além de reafirmar a valoração e assumir a construção do texto como verdadeira, ainda revela qual o posicionamento sobre o que virá, sendo o de alguém que se coloca dentro do universo enunciado, estando carregada de sentimentos acerca do que proferirá, tais como saudade e carinho.

De modo que convida o leitor a adentrar no seu universo pessoal como se estivesse na própria casa, a conhecer uma realidade passada, carregada, nostalgia e valorização de cada momento e cada lugar abordado.

É possível encontrar narrativas e descrições sobre eventos familiares, costumes, transformações acompanhadas pela autora ao longo de sua vida, como a descoberta da torneira, como era a alimentação e a subsistência, a infância e suas brincadeiras, as casas e a educação com o passar do tempo.

Os relatos, ricos em detalhes, trazem elementos que possibilitam entender a dinâmica espacial, fazendo com que, mesmo na atualidade, o leitor consiga localizar-se e interagir com as mudanças ocorridas apesar do tempo transcorrido, a exemplo do trecho

A casa de minha avó Ota localizava-se no Tabuleiro, exatamente onde hoje está construída a estação de tratamento sanitário da SANEPAR. Essa casa povoa minhas lembranças com tanta clareza, que todos os detalhes serão aqui rememorados com toda fidelidade.

Lembro-me que era coberta de palha, tecidas por meus tios. Duas portas e duas janelas na frente. A cozinha era cercada de ripas de pindova e outras peças com tábuas cerradas em casa. Uma sala grande, um pequeno corredor, um quarto de cada lado. Na sala existiam bancos em toda a extensão, uma mesinha com a máquina de costura (a mão) da vovó, um espelho na parede perto da janela onde meus tios Benjamim, Juvêncio e Maneco se barbeavam. O tio Martinho já era casado. (Bonatto, 2005, p. 17-18)

em que é possível preparar o leitor para o entendimento do contexto e grupo social nos quais está inscrita, mais uma vez contribuindo para a identificação de seus valores, visto que sua discursividade se faz carregada deles (Faraco, 2009). E, embora a autora/narradora afirme que o texto traz total fidelidade, devemos considerar que, De acordo com Maria Luíza Aragão (1992)

A narrativa de vida não se prende à descrição dos fatos. Ela obedece, isso sim, à exigência e fidelidade a si mesmo, segundo a ordem dos valores reveladores do sentido de uma vida, na plenitude de sua permanente atualidade. (ARAGÃO, 1992, p. 44)

algo perceptível ao atentar às relações estabelecidas entre os elementos descritivos físicos e membros da família, como a cobertura de palha tecida pelos tios, a máquina de costura usada pela avó e a localização do espelho também em função dos tios. Referências explícitas que levam a entender que os demais elementos estariam relacionados a usos comuns e eventos cotidianos.

FIGURAS 5 e 6 - Moradias de tábuas cobertas com folhas de palmáceas





Fonte: Bigarella, 1999

Não apenas na arquitetura, também na composição do fazer das relações humanas e nas relações do indivíduo com o meio, as transformações são contempladas. A paisagem descrita no próximo trecho traz consigo vários possíveis sentidos. Uma estrutura com rio, água límpida, 'lavadeiras', o verde da grama, o traço religioso, entre outros. Por fim, o passar do tempo e a demonstração da tristeza.

Na beira do rio era colocada uma tábua lisa, com uma ponta dentro d'água e outra fora, e, ali as mulheres se punham de cócoras e esfregavam as roupas com as mãos, batendo de vez em quando nessa 'tábua da fonte', quarando-as ao lado, estendidas na grama. Depois enxaguadas no rio para 'enxugar' - o termo mais usado na época. Passar roupa de uso diário não era hábito nesse tempo. Na casa da vovó existia um 'ferro-de-engomar', aquecido à brasa, que não servia para engomar nada, não sei até hoje a razão desse nome... um trabalho pesado, com o qual eram passadas as roupas para os dias de festas ou ocasiões muito especiais, como os Terços no 'Matinho'. O ribeirão onde minha família lavava roupas e retirava água potável é hoje, e escrevo isto com um nó no coração, o receptor de dejetos do Sistema de Esgoto da Sanepar. (Bonatto, 2005, p. 43)

A referência à figura feminina é trazida por meio dos afazeres domésticos corriqueiros como o ato de lavar as roupas possivelmente rememorada por ser a inscrição de uma mulher ao descrever a cena compondo uma paisagem comum à época, como percebido pela escolha de um vocabulário simples e direto em que fica evidente não ser um evento isolado ou grandioso, e pela inserção de comentários decorrentes do fluxo de pensamento, como *que não servia para engomar nada*.

A opção de iniciar o recorte textual com uma descrição esteticamente mais agradável, com trechos compostos pelo uso frequente de vírgulas e orações curtas

as quais sequenciam ações e comentários soltos e, encerrá-lo com um período gerador de sensações opostas às iniciais desperta no leitor sensações aproximando-o da realidade vivida e disposta no texto.

Aragão aponta que o ato de escrever memórias “É uma segunda chance de se viver o que já se viveu. É uma segunda leitura que se completa no ato da escrita.” (Aragão 1992).

Nesta obra é possível encontrar registros além dos presentes nos livros oficiais estudados sobre o município e sua história. Pode-se dialogar com sentimentos e sensações, além de ter contato com eventos que passariam despercebidos por historiadores, geógrafos ou outros profissionais, dada a presença da sensibilidade de quem viveu e narrou tais acontecimentos.

Na obra de J.J. Bigarella, *Matinho: Homem e Terra Reminiscências...* (1999), é citada a região de mangue existente entre a praia central e a atual Avenida Prefeito Dr. Roque Vernalha e seu aterramento da seguinte forma

Entre a atual Rua Roque Vernalha e a praia havia uma depressão do terreno, com um marigot (rio de maré) relativamente largo, tendo de ambos os lados faixas de mangue inundadas na preamar. Essa área de pântano marinho e de água foi aterrada e loteada por Roesner na primeira metade da década de 30. (Bigarella, 1999, p. 110)

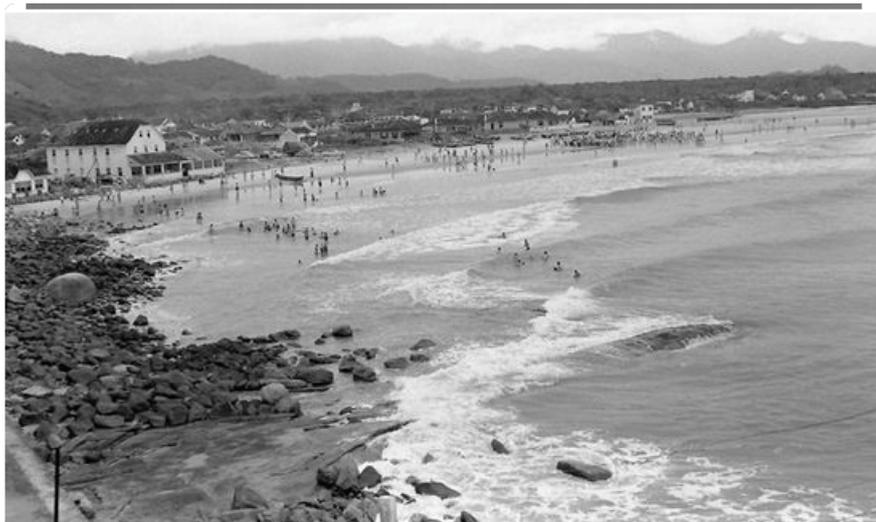
O mesmo fato é trazido por Gigi e complementado

Matinhos onde existia um manguezal, desde os fundos do Hotel Beira-Mar, até o ‘Rio Matinho’, mais tarde aterrado, quando Matinhos já se transformara em Distrito. Esse manguezal ficou sob os cuidados do Sr. Max Roesner que contratou carrocinhas tipo ‘toco-duro’, lembro de uma pilotada pelo Sr. Inácio Crisanto e outra por seu filho Eurípedes (o charuto) que realizavam o aterro. Demoraram muito, mas conseguiram.

Acabou o mangue, acabaram os ninhos de marrecos da D. Bernardina Mesquita onde a gente ia procurar ovos e entregar-lhe religiosamente, um por um, pois foi assim que o papai nos ensinou e exigia que fizéssemos, mas restava-nos a esperança de ganhar algum ovo.

Matinhos onde íamos cortar goiabas, araçás, camarinha, murta, pitanga, e agora é a agência do Banco H.S.B.C. (Bonatto, 2005, p.63)

De modo que fica perceptível, além das questões oficialmente registradas, como a ação foi realizada, valorizando quem participou ativamente dela, não apenas aqueles que mandaram executar, bem como as sensações que a acompanharam.



Fonte: Bigarella, 1999

FIGURA 8 - Pescador sobre a pinguela onde havia o manguezal



Fonte: Bigarella, 1999

Com uma linguagem simples, resgata, por meio das memórias, fazeres e dizeres peculiares, como os exemplificados pelos trechos apresentados, com as expressões típicas, as ações rotineiras e as imagens marcantes.

3 DESENVOLVIMENTO E ANÁLISE DAS AÇÕES

3.1 MOMENTO 1: O QUE É PAISAGEM?

Para o desenvolvimento das ações descritas, foram necessárias duas aulas de 50 e de 40 minutos consecutivas, com início às 11h05 e término às 12h35; e utilizados como recursos materiais o quadro, Educatron e netbooks, conectados na rede de internet comum da escola.

Inicialmente foi exposto aos estudantes o objetivo para a realização das atividades e quais assuntos relacionados aos conteúdos curriculares seriam abordados ao longo do trabalho, por ser desenvolvido durante as aulas de Língua Portuguesa.

A fim de estimular o diálogo e participação dos estudantes, a atividade teve início com uma pergunta realizada oralmente: O que é paisagem para você?

Houve poucas manifestações. Limitaram-se a perguntar sobre como deveriam responder e permaneceram em silêncio.

Em seguida, foi orientada a atividade de produção individual com uso dos recursos tecnológicos disponíveis. Os alunos conectaram-se em suas contas institucionais e acessaram o quadro interativo Jamboard com link em comum, disponibilizado por meio do sistema de gerenciamento de sala de aula Google Classroom.

A atividade, iniciada às 11h30 e encerrada às 12h25, consistiu na escrita da definição para a palavra paisagem de acordo com o entendimento, sendo possível o uso de imagens, caso julgassem necessário. Pode ser em duplas ou individual. Suas respostas deveriam ser baseadas nos conhecimentos prévios e discussão ocorrida durante o encontro.

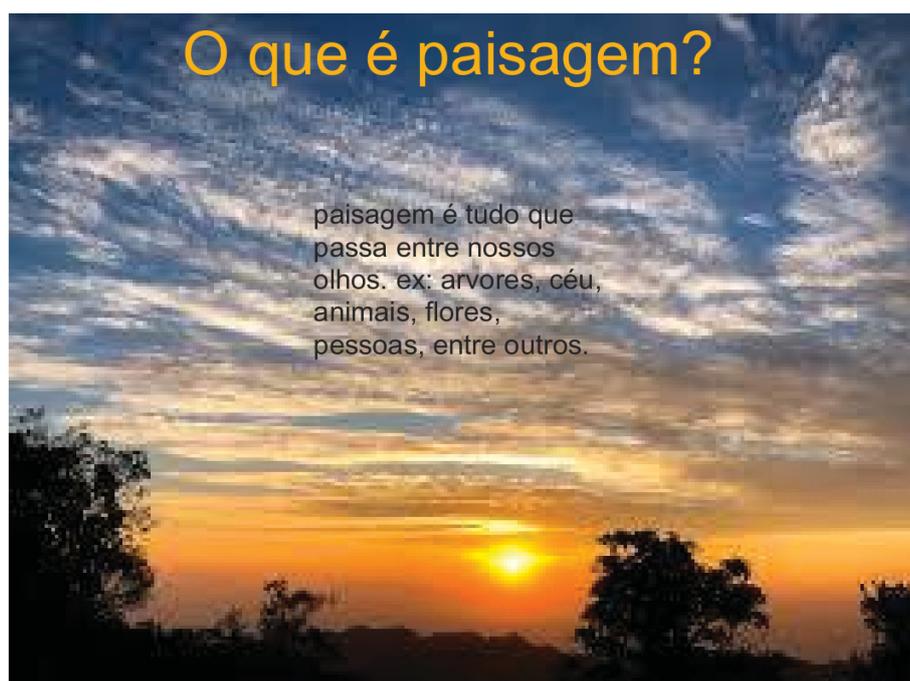
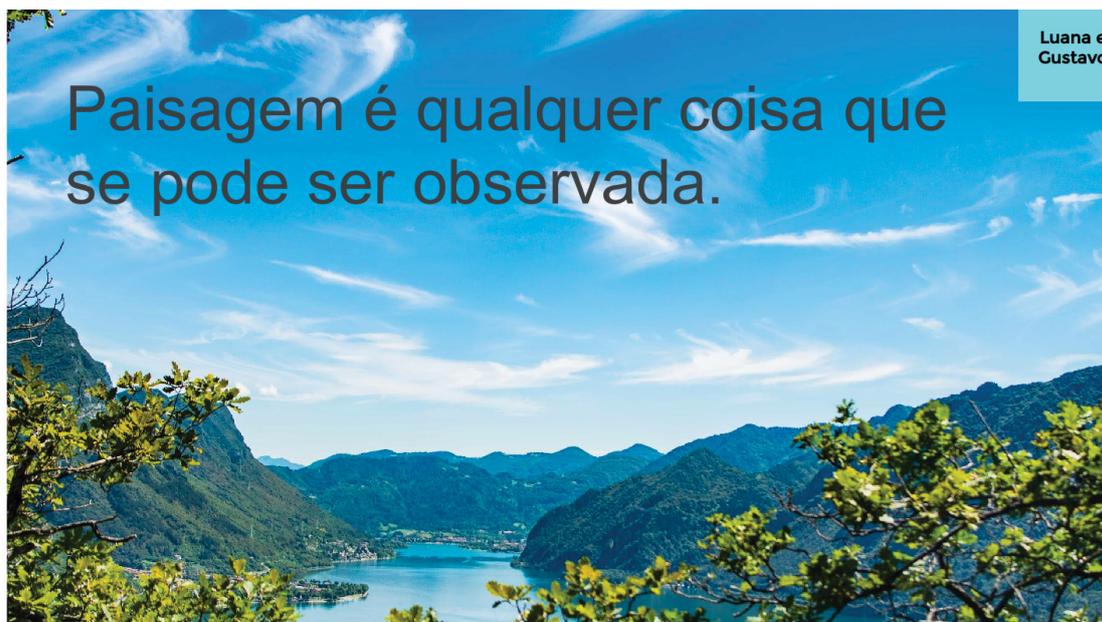
Foi possível notar que os alunos, quase unanimemente, definiram paisagem como algo que eles podem ver, poucos complementaram com o que se pode sentir. Os elementos naturais como árvores, lagos e o substantivo natureza estavam

presentes quase em grande parte das respostas, e em várias constava o elemento estético do belo, agradável aos olhos.

Não houve tempo para a retomada das respostas no mesmo dia, assim a discussão foi realizada no encontro seguinte.

Produções dos alunos:

FIGURAS 9 a 21 - Atividade realizada pelos alunos



JOAOPEDRO E
FENANDA



João
Gabriel

Paisagem é tudo
que vemos, pode ser
na natureza ou em
uma civilização,
podendo ser um pôr
do sol entre os
prédios, ou uma
nascente na
floresta.



Niccolas
H.

Paisagem é
tudo que
podemos ver



Ramon
e
samuel

paisagem?

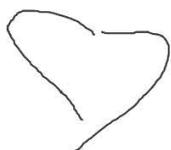
É tudo ao nosso redor, podendo se tratar de campos abertos ou de paisagens.



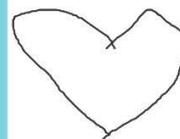
Onde qualquer detalhe muda a sua descrição, e pode ser descrita de forma inteira o parcial descrevendo partes mais importantes.



**Carlos nmr 22;
é uma vista
bonita,
agradável.**



**LIDI NMR
36;PAISAGEM
PRA MIM É
TUDO QUE SE
V**

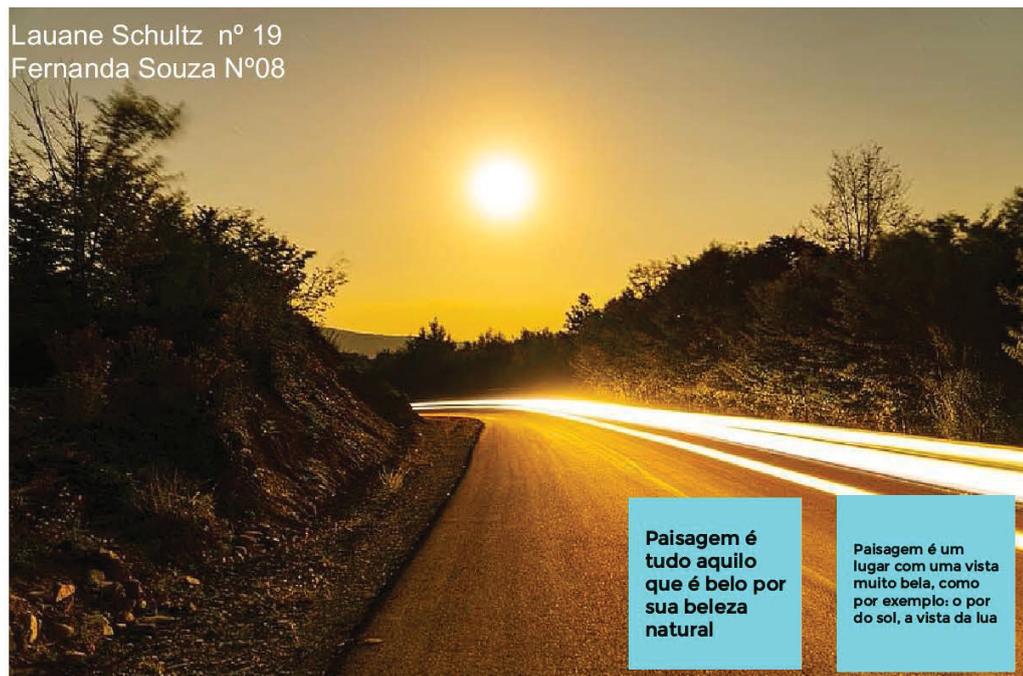


**Lara e
Sara**



Paisagem é tudo o que podemos ver, sentir e presenciar. Paisagens marcam em nossa história e fazem lembrar de momentos bons!

Lauane Schultz nº 19
Fernanda Souza Nº08



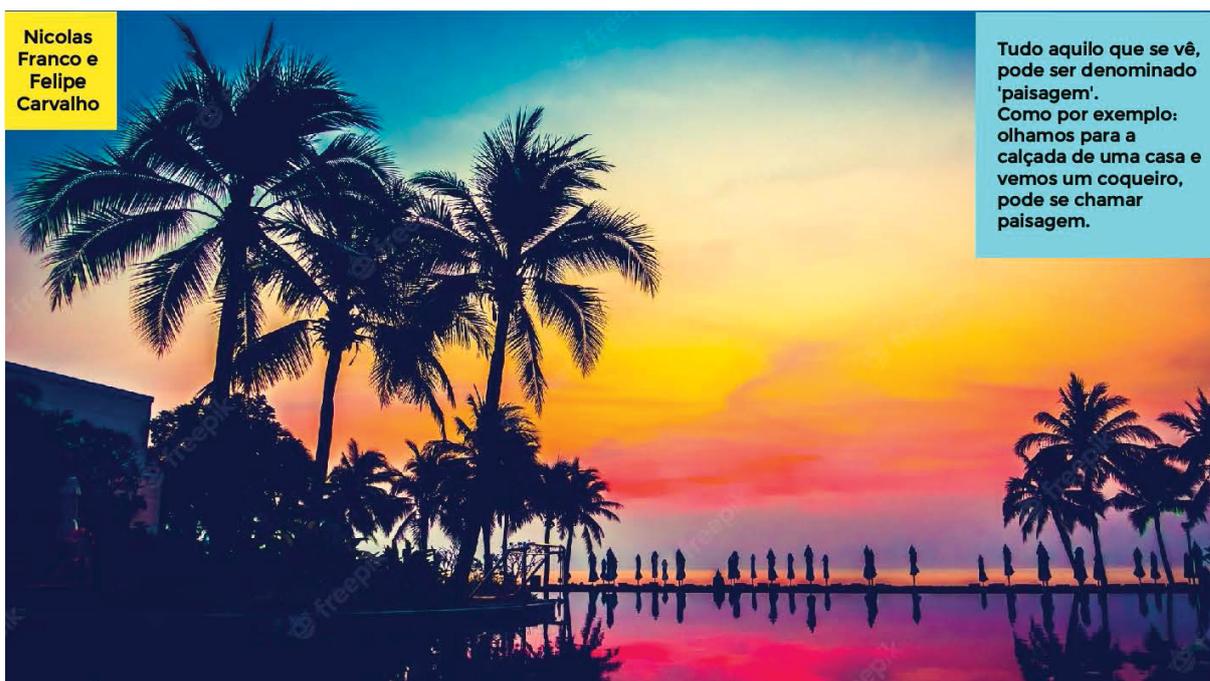
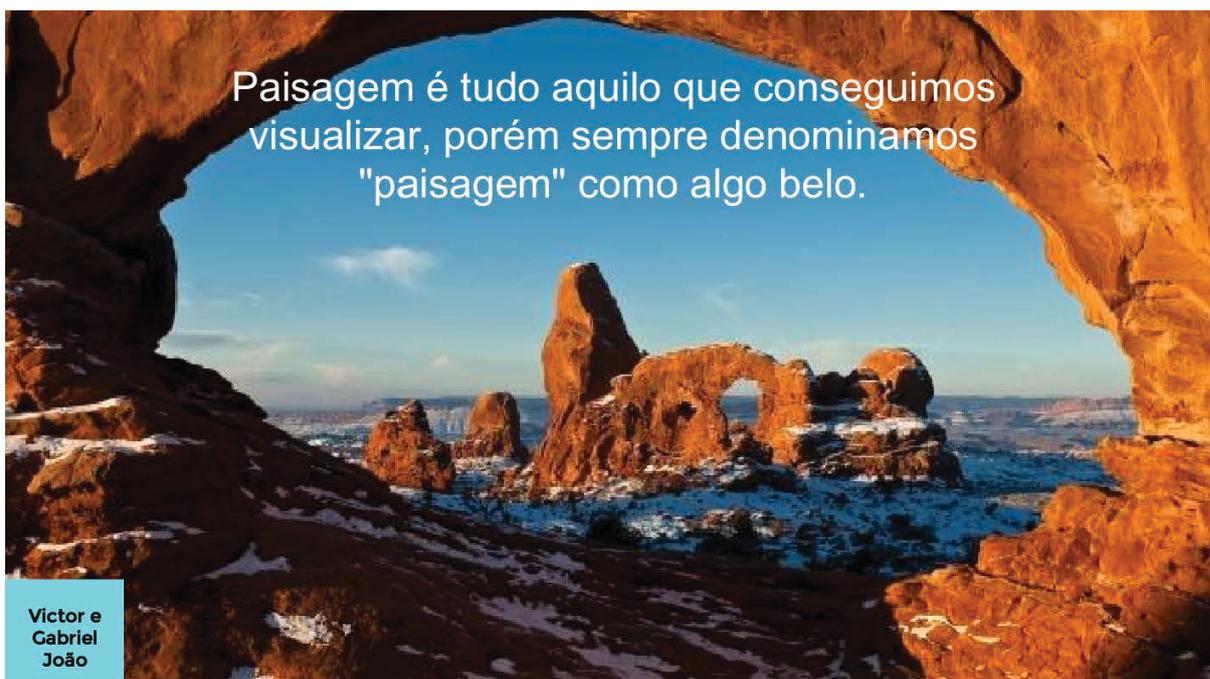
Paisagem é tudo aquilo que é belo por sua beleza natural

Paisagem é um lugar com uma vista muito bela, como por exemplo: o por do sol, a vista da lua

Giullian
nº12



Quando vemos algo, podemos dizer q é uma paisagem, pois tudo oque enxergamos pode se dizer que é uma paisagem.





3.1.1 Definições produzidas durante o encontro

A fim de organizar as informações obtidas, após a leitura inicial das respostas dos alunos e da expressão oral, foram demarcados trechos de acordo com os sentidos, destacando como **abordagem estética** as que se referem ao que é belo ou feio dentro dos padrões estabelecidos pelos valores dos estudantes no campo visual; **abordagem visual** as que destacam as imagens objetificando-as ou qualificando apenas o sentido da visão; **abordagem natural**, trechos que apontam apenas elementos naturais mais relacionados à visão conservadora; e **abordagem multissensorial**, os que apresentam mais sentidos além da visão, como olfato, audição, também elementos afetivos integrados.

N°	Definição
1	A paisagem é tudo que passa entre nossos olhos. Ex: árvores, céu, animais, flores, pessoas, entre outros.
2	Paisagem é tudo que a visão do ser humano consegue ver, como as montanhas, mar, céu, etc...
3	Tudo aquilo que se vê, pode ser denominado 'paisagem'. Como por exemplo: olhamos para a calçada de uma casa e vemos um coqueiro, pode se chamar

	paisagem.
4	Paisagem é tudo aquilo que conseguimos visualizar, porém sempre denominamos "paisagem" como algo belo.
5	Quando vemos algo, podemos dizer que é uma paisagem, pois tudo o que enxergamos pode se dizer que é uma paisagem.
6	Paisagem é tudo aquilo que é belo por sua beleza natural.
7	Paisagem é um lugar com uma vista muito bela, como por exemplo: o pôr do sol, a vista da lua.
8	Paisagem é tudo o que podemos ver, sentir e presenciar. Paisagens marcam a nossa história e fazem lembrar de momentos bons!
9	É uma vista bonita, agradável.
10	Paisagem pra mim é tudo o que se vê.
11	É tudo ao nosso redor, podendo se tratar de campos abertos ou de paisagens.
12	Onde qualquer detalhe muda a sua descrição, e pode ser descrita de forma inteira ou parcial destacando as partes mais importantes.
13	Paisagem é tudo que podemos ver.
14	Paisagem é tudo que vemos, pode ser na natureza ou em uma civilização, podendo ser um pôr do sol entre os prédios, ou uma nascente na floresta.
15	Paisagem é qualquer coisa que pode ser observada.

3.2 MOMENTO 2 - ANÁLISE DE IMAGENS

O encontro foi planejado para ser realizado em duas aulas de 50 e 40 minutos.

Antes de apresentar os objetivos para a aula do dia, foi retomado o assunto do encontro anterior até às 11h25. Para isso, foi usado como recurso o Educatron a fim de possibilitar a visualização do material produzido pelos alunos.

Durante a retomada os alunos foram incentivados a participar oralmente explicando suas respostas ou a escolha das imagens para a composição. Neste momento as observações dos estudantes aproximaram-se da repetição do que estava escrito.

Eles comentaram sobre as respostas dos colegas, apontando principalmente se estavam mais completas, em que aproximavam-se ou afastavam-se das suas próprias. Demonstraram também concordância ou discordância do que era apresentado.

Em seguida foi orientada a atividade do dia, até às 11h30. Durante a orientação foi deixado claro que as imagens apresentadas seriam todas da cidade de Matinhos.

Foram expostas imagens da cidade, tanto atuais como antigas, uma de cada vez, com intervalo de aproximadamente 5 minutos para que os alunos anotassem se conheciam a paisagem mostrada, se sim, qual lugar seria a referência, o que mais chamava a atenção deles e quais sentimentos ou sensações eram despertados.

Ao expor a primeira imagem, foi possível observar o esforço de alguns alunos em tentar identificar de qual lugar da cidade era o recorte visual. A princípio foi orientado que não conversassem durante a atividade para não haver interferência no resultado final sobre a quantidade de alunos a identificarem corretamente os lugares. Mesmo assim, alguns perguntavam aos colegas disfarçadamente. Ao perceber que a interação poderia enriquecer a atividade, foi permitida e incentivada a oralidade.

A imagem 1 mostrava uma praia localizada no mesmo balneário onde está a escola, ou seja, a aproximadamente 150m de distância. Nos comentários, a maioria absoluta dos alunos disse gostar da paisagem, mesmo não reconhecendo a proximidade, e sentir algo prazeroso. Foi destacada a cor azul, tanto no céu quanto no mar, e a linha do horizonte.

Porém um aluno alegou sentir desconforto e algo muito ruim, justificando com o medo do mar causado por um evento quando era mais novo. Comentou também não gostar da sensação da areia por ser 'grudenta'.

Quando apresentada a imagem 2, tentaram inicialmente definir o local exato, pois tratava-se de uma foto que mostrava uma das praias do município, em preto e branco. Assim, comentaram sobre o tempo decorrido entre a época retratada,

vestimentas de banhistas, e a atualidade, também sobre a dificuldade de reconhecimento.

A imagem 3 consistia em uma foto tirada de cima do Morro do Escalvado, por muitos conhecido como Morro do Teleférico, abrangendo da orla marítima até os limites do perímetro urbano. Os comentários foram, além da tentativa de reconhecimento do local, sobre a existência de áreas verdes no meio de regiões tomadas por moradias, como o Parque Florestal do Rio da Onça, e outra área, também de parque, onde atualmente existe um supermercado.

Ao passar para a imagem 4, retratando a paisagem da década de 1930 da Praia Brava, vista do seu início no Pico de Matinhos, muitos demonstraram admiração pelo que foi visto e, embora estivessem, em todas as imagens anteriores discutindo e chegando a alguma conclusão sobre as localidades, nesta não conseguiram identificar, de modo que foi necessário explicar e listar os elementos que a compõem atualmente.

A imagem 5, foto tirada em 2010, vista aérea da cidade a partir do Morro do Boi fez notar a preferência da maior parte dos alunos pela paisagem já modificada, com prédios e outras construções, presença do comércio, calçadas e asfalto. Um dos adolescentes presentes justificou sua preferência não só pela imagem ser mais familiar, mas também pela qualidade das fotos atuais e retoques que muitas vezes são feitos, pois a imagem utilizada é parte do acervo da Prefeitura Municipal de Matinhos. Os alunos compararam esta imagem com a anterior, pois as duas retratavam uma praia em comum, em perspectivas diferentes.

Na imagem 6, puderam observar um recorte da chamada Praia dos Amores e a Ilha das Tartarugas, com uma trilha de pedras ligando uma à outra. Os alunos reconheceram a ilha quase de imediato, demoraram um pouco mais apenas para nomear a praia, pois costumeiramente é tida como parte da Praia Mansa, mais famosa turisticamente. Muitos contaram histórias de terem atravessado da praia à ilha quando havia maré baixa, sem conseguir voltar por conta de a maré encher, ou de terem contornado a ilha com pranchas e caiaques, sendo algo corriqueiro para os moradores.

A imagem seguinte, mais atual, de 2020, mostrava o calçadão da Praia Brava de Caiobá, com estruturas de madeira formando bancos e floreiras, ciclovia, prédios e asfalto. Até então, a mais comentada de imediato. Várias histórias surgiram, aventuras e desventuras. Durante os comentários, perguntei se algum deles morava

naquelas imediações e a resposta foi negativa com a justificativa de ser 'muito caro' ou 'lugar de rico', palavras dos alunos.

A atividade foi composta de nove imagens, sendo as duas últimas mais antigas, de aproximadamente 1930. Na imagem 8, pouco foi comentado e a imagem 9 teve como destaque uma residência que permanece no mesmo lugar na Praia Central e com as características originais gerando espanto aos estudantes.

O registro escrito do que foi solicitado anteriormente não foi discutido durante este encontro por conta do tempo restante na aula.

Posteriormente foi solicitado aos estudantes que escrevessem livremente sobre as observações e impressões a respeito das paisagens observadas. A atividade deveria ser entregue via a plataforma de produção textual Redação Paraná¹².

3.2.1 Exemplos de anotações feitas pelos alunos

Imagem	Id.	Anotação
1	A1	Os elementos identificados são a areia da praia, que está limpa e o mar, calmo e limpo. Sinto uma calma.
	A2	Conheço o lugar. Destaco as ondas e o céu azul. Passa tranquilidade.
	A3	Conheço, é a Praia Brava de Caiobá. Destaco 'céu, mar, areia, calor (o sol) e a coloração. Sinto tranquilidade, alegria e acho agradável.
	A4	Sei que se trata da orla, da praia, mas não sei o lugar específico. Destaco o céu e o mar e me passa a sensação de paz.
	A5	Não reconheço o lugar. O que me chama a atenção é o fundo da imagem, eu estou acostumado a ver os barcos no fundo. Sinto calma e relaxamento, vontade de ir na praia, já que faz tempo que não vou.

¹²Portal usado para a produção de textos em escolas públicas estaduais paranaenses.

2	A1	Os elementos são a praia, o mar agitado, as pessoas e os prédios de fundo. Sinto a sensação de alegria.
	A2	Conheço, mas é desagradável. A quantidade de pessoas e os prédios merecem destaque. Me passa agonia, angústia.
	A3	Conheço. Destaco as pessoas, os prédios, mar e a coloração. A sensação é agradável, a foto é antiga, mostra uma diversidade e alegria.
	A4	Conheço, me chama atenção as cores e as pessoas. Me passa angústia e aflição.
	A5	É a Praia Grande ou a Praia Brava. A cor da imagem me chama a atenção, sem cor, parece só uma foto sem graça. Me dá um tic por não ter cor e as pessoas não são pessoas, parece outra coisa.
3	A1	É o morro do teleférico. Os elementos presentes são a vegetação do morro e a cidade que está embaixo que vai até Praia de Leste. A sensação que é transmitida é de calma e de conquista de quem terminou a subida.
	A2	Conheço, é agradável. Destaco as nuvens, a cidade e o mar. Sinto surpresa.
	A3	Conheço, é o Morro do Teleférico. Destaco a mata, casas, mar, céu, morros e o mar refletindo a cor. Sinto adrenalina e paz.
	A4	Sim, conheço. Destaco o céu, o mar, as casas e a altura. Sinto aventura e paz.
	A5	É o morro. Nada chama a minha atenção, não senti nenhuma atração em nenhum elemento dessa paisagem. Para mim, é uma imagem comum.
4	A1	É o Pico de Matinhos, e os elementos são as casas e a praia já que a foto foi tirada em direção ao Morro do Boi, sendo muito antiga a

		foto, pois não tinha ainda a via da orla. Transmite uma sensação de alegria e conforto.
	A2	Conheço. Destaco as casas à beira mar e os morros. Sinto estranheza e calma.
	A3	Conheço, é a Praia Brava. Destaco o morro, as casas, o mar e a foto ser antiga. Sinto ser algo histórico, fiquei chocada e passa a sensação de paz.
	A4	Não conheço. Me chamou a atenção a coloração, mar, morros e casas. Sinto como algo antigo, deserto.
	A5	Não conheço o lugar. As casas são bem antigas e ficam em um lugar que de cara não dá para reconhecer. Senti uma leve nostalgia e vontade de ir até este local.
5	A1	A imagem é de cima do Morro do Boi. Mostra a cidade mais desenvolvida e os prédios e a praia são os principais elementos. Passa a sensação de grandeza.
	A2	Conheço. Destaco o morro e o mar. Sinto algo diferente, alegria e beleza.
	A3	Conheço, é a Praia Brava. Destaco o morro, os prédios, a foto foi tirada de cima então, a coloração do mar. Acho bonita, fantástica e sinto alegria.
	A4	Conheço. Destaco a urbanização, o morro, o mar e a cor. Sinto alegria, felicidade, agitação e beleza.
	A5	Sei onde é, mas não lembro o nome. A água me chama a atenção, em um lado está mais azul e no outro ela está mais cinza com azul. Sinto calma e relaxamento, mas é um pouco desconfortável porque a água tem duas cores.
6	A1	A praia dos Amores. Os principais elementos são a praia e a Ilha

		das Tartarugas. O que sinto é tranquilidade.
	A2	Conheço, acho desagradável. Destaco o morro e sinto gastura.
	A3	Conheço, é a Ilha da Tartaruga na Praia Mansa. Destaco a coloração da foto, a ilha, as pedras e o mar. Achei surpreendente.
	A4	Conheço. Destaco a cor, mar, a ilha e as pedras. Sinto silêncio, calma e antiguidade.
	A5	Reconheço o lugar mas não lembro o nome. Nada chama a minha atenção, não sei o porquê, mas não achei nada atrativo.
7	A1	A imagem é de Caiobá. Os elementos são os bancos e os prédios, além do morro no fundo. A sensação é de relaxamento e alegria.
	A2	Conheço e acho agradável. Destaco os bancos, a rua e os prédios. Lembra o Rio de Janeiro. Sinto alegria.
	A3	É o calçadão. Destaco as cores da calçada, os bancos, os prédios, o morro e os fios elétricos. Sinto alegria e algo engraçado. Tenho lembranças boas e saudades.
	A4	Conheço. Destaco a calçada, os prédios, o morro e o céu. Sinto saudade pelas minhas lembranças, festividade e dor.
	A5	Eu lembro do lugar, mas não muito. Me chama a atenção esse céu limpinho e esse fio que quebra toda a paisagem. Sinto calma, fome e sono. Lembro que já passei sobre esse lugar com um lanche.
8	A1	Perto do Mercado do Peixe. Os elementos são a praia, os barcos e os pescadores. Passa a sensação de trabalho e esforço.
	A2	Conheço. Destaco os barcos e a antiguidade. Sinto angústia pelo passado.
	A3	Conheço. Destaco os barcos, as pessoas, cachorros e o mato. Sinto ser uma antiguidade e fazer parte de nossa cultura.

	A4	Conheço. Destaco as pessoas, barcos, mar na areia e a cor. Sinto ser algo do passado, tumulto e esforço.
	A5	É a Praia Mansa. Destaco o cachorro olhando para nós. Eu já vi esse lugar, então me despertou uma lembrança.
9	A1	É a praia próxima ao Pico. Os elementos são a praia, o pico e as pessoas. Sinto alegria e nostalgia.
	A2	Conheço. Destaco a antiguidade, as casas e a representação do passado.
	A3	Conheço, é o Pico. Destaco as rochas, casas, pessoas, areia, árvores e a coloração do mar. Sinto ser algo antigo e ter passado por modificações. Me passa a sensação de paz.
	A4	Conheço. Destaco as pessoas, o sobrado, o mar e a areia. Sinto como se fosse temporada, festa.
	A5	É o Pico. Por eu ter ido lá recentemente, a imagem inteira me chama a atenção por ser antiga. Sinto nostalgia, faz eu lembrar um passeio que já fiz.

Partindo das observações e registros escritos dos alunos, é possível notar a preferência pela paisagem urbana, provavelmente por fazer parte da realidade do aluno e de sua atualidade (Bachelard, 1993), interagindo com suas emoções, pois é mais próxima de seu repertório e de sua relação com o mundo vivido e experienciado (Serpa, 2021), como perceptível nas anotações e reafirmado nas manifestações orais acerca da imagem 7, a qual retratava o calçadão e os prédios da orla do município, ligando o centro à praia de Caiobá, e a imagem 5, aérea mostrando as praias Brava e Mansa, bem como as edificações; ambas mais atuais.

3.2.2 Produção textual acerca das fotos

Foram entregues, via plataforma de produção textual, vinte e uma produções textuais. Destas, dezessete contemplavam definições de paisagem agregando elementos além do aspecto puramente visual.

As comparações entre passado e presente foram recorrentes mostrando suas percepções sobre a paisagem modificada ao longo do tempo e com a ação humana.

Exemplo de produção entregue:

Conforto, paz, lembranças, essa é sensação que alguns sentem ao ver a transformação que nosso município passou com o tempo com as imagens que vimos na aula, ver como era a Praia Brava antigamente sem prédios, asfalto, só existia o mar e mato, agora atualmente existem prédios, asfaltos, muitas lojas e casas ao lado da rua, é fantástico ver o quanto as paisagens antigas que vemos, evoluírem tanto, e ver que algumas delas ainda continuam em pé, com estruturas de casas antigas feitas em pedra, ainda estarem aqui, isso mostra o quanto nossa cidade mudou ao decorrer do tempo. As paisagens nem sempre podem ser vistas de fotos nem sempre são as que vimos em tempo real, muitas vezes elas podem ter sofrido alterações feitas pela natureza ou pela humanidade, mas essas fotos ainda podemos guardar de recordação, mesmo com mudanças isso ainda pode ser com nós, e isso nos dá sensações de conforto, paz, e felicidade, e inúmeras memórias do passado, com momentos bons ou ruins, não importa se forem ruins, as memórias fazem parte de nossas vidas sendo partes importantes ou não, graças às paisagens qualquer momento das nossas podem ser momentos lindos. Nós sentimos muitas sensações envolvidas as imagens de Matinhos que observamos na aula, mostrando inúmeros pontos turísticos antigos ou atuais, pontos turísticos visitados por inúmeras pessoas a cada dia, e hoje ficamos chocados com o desenvolvimento de certos lugares que passaram por inúmeras mudanças, as paisagens têm inúmeros pontos de vistas diferentes podendo identificar o que cada um de nós está sentindo no momento, sendo alegria ou tristeza, isso é o significado de paisagens, elas podem ser vistas de muitos ângulos diferentes e isso é o que as da beleza, não precisa ser alguma paisagem muito elaborada, pode apenas ser uma simples foto do pôr do sol. (J.G.R.M.)

O estudante inicia sua produção carregando-as de outras sensações, que não apenas visuais, inserindo a si mesmo como parte da descrição a partir destas sensações (Merleau-Ponty, 1999). Na sequência, insere as transformações ocorridas na paisagem, intercalando-as com as demais informações, como a concepção do termo paisagem percebida a partir do olhar segundo um ponto de vista ou de vários.

A opção por usar a expressão *evoluírem tanto* ao se referir às modificações ocorridas traz um sentido de melhorias a partir do que era oferecido anteriormente, da mesma forma que a expressão *chocados com o desenvolvimento* demonstra um contraste com a realidade percebida e esperada pelo indivíduo ao fazer referência principalmente aos pontos turísticos da cidade.

Considerando todas as produções enviadas, sendo 18 as que cumpriram o objetivo de fazer referência às imagens, foram utilizados os adjetivos *pequena* e *linda* como os mais recorrentes. Atentando ao texto em que estão inseridas como forma de entender o sentido expresso, pode-se notar que o adjetivo *pequena* transparece afetividade e acolhimento enquanto *linda* foi mais aproximado às

paisagens de praia evocando uma imagem mental do céu azul em composição com o mar, a areia e as edificações da orla.

A referência às praias foi constante, apresentada em trechos como *silenciosa e calma; apenas com o barulho das ondas; famoso Pico de Matinhos; e, cidade litorânea maravilhosa.*

Como sensações recorrentes há paz e conforto, e também o sentimento de saudade. Majoritariamente foram usadas expressões agradáveis tanto em comparações como em adjetivações.

3.3 MOMENTO 3 - INÍCIO DA LEITURA DA OBRA GIGI: DE VOLTA AO PASSADO

A ação foi realizada em duas aulas consecutivas, com início às 11h05 e término às 12h35.

Para o desenvolvimento da atividade proposta, foi necessário disponibilizar a obra a ser lida para os alunos por ambiente virtual, o Google Classroom. Foi solicitado que abrissem e baixassem a obra em seus dispositivos móveis e, embora não tenha sido orientado que iniciassem a leitura previamente, cinco alunos manifestam-se logo na entrada da sala para expor que tinham começado a leitura e achado a obra muito interessante, destacando algumas diferenças entre a época retratada no texto e o que julgam habitual, a alimentação, por exemplo, e o fato de não terem armários para guardar as roupas, sendo necessário o uso de cordas nas paredes dos quartos.

Antes de orientar a leitura da obra, foi explicado tratar-se de um livro de memórias escrito por uma moradora de Matinhos, membro de uma família tradicional local e que contribuiu para a construção da cidade como é atualmente.

Foi deixado claro também que, por ser um registro com base na memória da escritora, abordaria os assuntos de uma maneira mais pessoal e a partir do seu ponto de vista, o que poderia gerar diferenças dos registros oficiais sobre a história local.

Ao citar os nomes dos capítulos, textos, que compõem o livro, os alunos mostraram-se interessados e curiosos por ser algo a respeito de uma realidade local sobre um espaço conhecido e vivido por eles e suas famílias.

Quando citados alguns sobrenomes de famílias que fazem parte da obra como pessoas importantes, muitos reagiram com surpresa, tanto por conhecerem

pessoas com o mesmo sobrenome, quanto por reconhecerem-se como parte das famílias mencionadas.

Após a leitura, feita por mim em voz alta, do texto de apresentação da obra, foi pedido que lessem os capítulos iniciais: Lembranças, Minha família, Meus filhos, Aos meus adoráveis netos e A casa da vó Ota. Os alunos utilizaram seus dispositivos móveis e os netbooks da escola para este fim.

Eles comentaram sobre o vocabulário e trechos que acharam interessantes, em seguida, foi orientado que lessem novamente A casa da vó Ota, por ser predominantemente descritivo, e que selecionassem um recorte para produzirem uma ilustração com base no que entenderam.

Para o desenvolvimento da atividade, receberam folhas de papel sulfite e os alunos puderam formar duplas ou grupos, bem como fazer sozinhos, atentando para o fato de que cada um teria que entregar sua própria ilustração.

Os estudantes organizaram-se não apenas por afinidade com os colegas, mas também levando em conta o recorte a ser ilustrado, aproveitando, assim, para conversar sobre algo que tenham ficado em dúvida ou questionando-se quando discordavam dos elementos e sua disposição nas ilustrações uns dos outros.

Como havia conexão com a internet, alguns alunos pesquisaram imagens relacionadas aos trechos que não entendiam apenas pela descrição. Justificaram alegando não conseguirem imaginar alguns objetos ou estruturas por não fazerem parte da realidade vivida por eles, pois a casa descrita data de antes de 1930.

Dentre as dificuldades listadas, também estava a organização do espaço doméstico e o reconhecimento dos materiais utilizados na época. Vários alunos perguntaram o que era ripa de *pindova*, e um deles explicou do que se tratava. A palavra *picumam* também chamou a atenção, porém, conseguiram concluir o significado de acordo com o contexto em que foi usada.

Quase metade do total de alunos precisou terminar a ilustração em casa para ser apresentada no próximo encontro.

3.4 MOMENTO 4 - EXPRESSÃO DA ORALIDADE: ILUSTRAÇÃO SOBRE A CASA DA VÓ OTA

Neste encontro, também de duas aulas, com início às 9h10, intervalo das 10h às 10h15, e encerramento às 11h05, os alunos mostraram aos colegas suas ilustrações e falaram sobre a escolha do recorte e quais elementos destacaram.

Onze, dos trinta alunos da turma, ilustraram o quarto e destacaram três elementos principais: o travesseiro com enchimento de flor seca de marcela, as camas com esteiras no lugar dos colchões e a corda usada para guardar as roupas de uso diário, por não terem armários. Eles afirmaram sentir muita dificuldade em imaginar a cama com a esteira para dormir.

Cinco retrataram a fachada da casa, destacando o telhado de palha, que alguns precisaram pesquisar para entender como era, e as duas portas com apenas uma janela citada pela autora gerou curiosidade por parte dos estudantes.

Quatro alunos ilustraram a sala, destacando os bancos de madeira dispostos em toda a extensão para acomodar os moradores, e a máquina de costura com lugar de destaque, sendo esta última ilustrada separadamente por uma aluna. Outra aluna também optou por apresentar apenas um detalhe que tenha chamado sua atenção, um espelho que ficava próximo à janela do mesmo ambiente.

Três alunos representaram os lampiões, de formatos variados, pois não havia uma descrição precisa no texto, o que gerou uma discussão entre eles. Por fim, levaram em consideração a questão temporal para tentar definir qual seria a ilustração mais próxima do que deveria ser na casa.

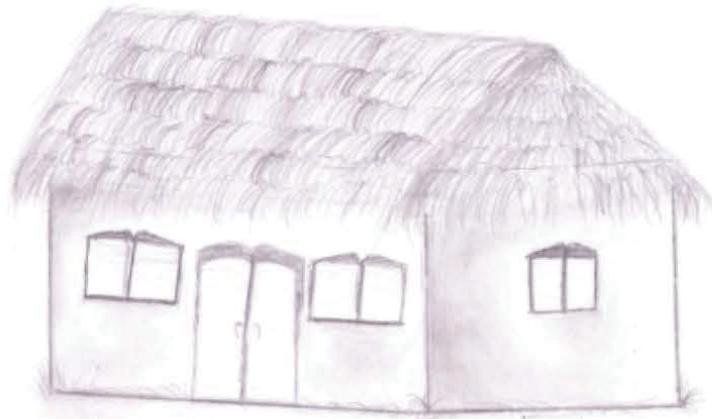
Alguns alunos não concluíram, ou não quiseram apresentar suas ilustrações, apenas contribuíram com comentários sobre o que foi abordado pelos colegas.

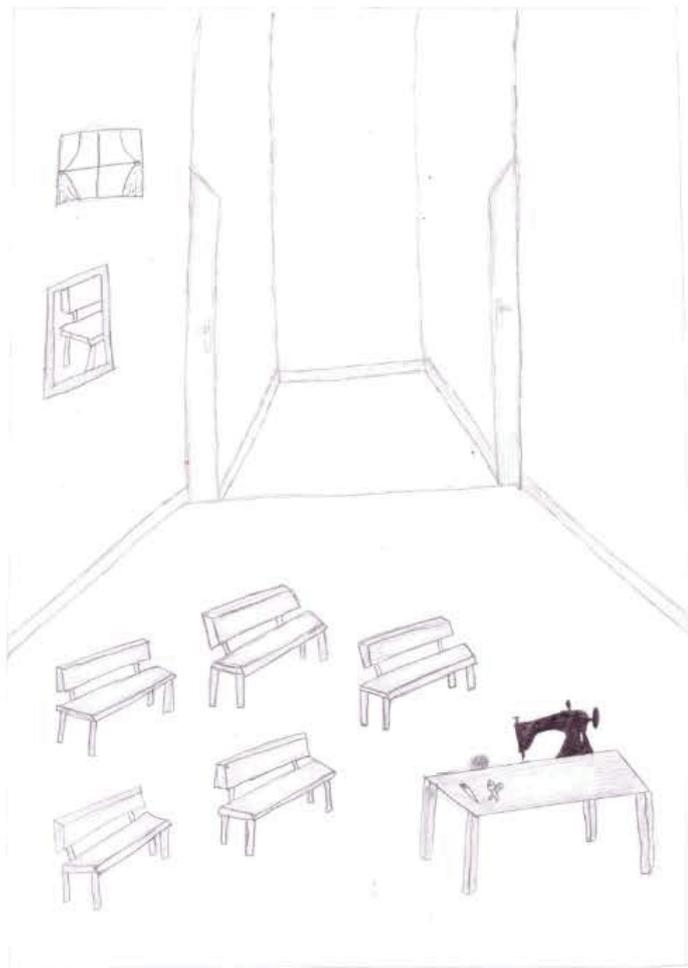
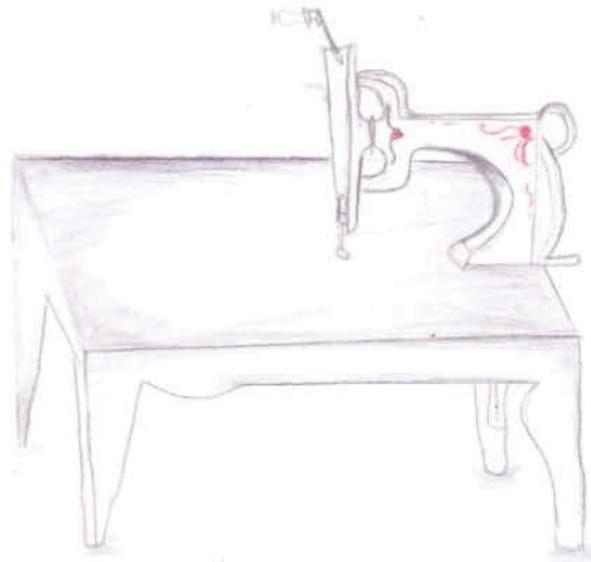
Durante as apresentações, vários alunos compararam suas produções com as casas de avós e demonstraram afetividade ao gesticular e escolher o vocabulário para falar sobre os detalhes ou atribuir adjetivos aos elementos postos.

FIGURAS 22, 23, 24 E 25 - Exemplos de ilustrações criadas pelos alunos



nicelli





Ainda neste encontro foi organizado o processo de leitura do restante da obra. Cada aluno ficou responsável por um capítulo. Para decidir, eles optaram por seguir a ordem de chamada ao atribuir o trecho a ser lido fora do horário escolar.

Os alunos, após lerem o trecho atribuído, deveriam responder cinco questões no caderno: O que mais chamou a atenção? Houve alguma dificuldade com o vocabulário? O que você já sabia? O que você descobriu? Compare o que você leu com a atualidade.

3.5 MOMENTO 5 - APRESENTAÇÃO DOS CAPÍTULOS LIDOS

Esta ação foi a que tomou mais tempo, um total de seis aulas de aproximadamente 50 minutos cada, divididas em três dias. Do total de alunos, cinco não realizaram a leitura prévia, os demais tinham suas respostas anotadas no caderno e afirmaram estar aptos a falar sobre o que entenderam.

Foram apresentados, no primeiro dia, onze capítulos. A atividade consistiu em o estudante contar resumidamente o que foi tratado no capítulo e comentar suas anotações.

Seguindo a ordem disposta pela chamada, por ter sido escolhida pelos alunos no momento anterior, eles iniciaram a atividade. Os capítulos abordados no dia foram: *Alimentação*, *A sala e o quarto da vó Ota*, *A música*, *Nascimento de criança*, *Frutas e outras plantações*, *Ninho de galinha*, *O peixe*, *A maleita e outras doenças*, *O rio límpido*, *A religiosidade* e *Matinho virou Matinhos*, totalizando onze.

No capítulo *Alimentação*, a aluna falou sobre o texto e destacou, a estrutura física da cozinha, por ter poucos utensílios e móveis, também o costume de consumir mandioca e o processo de produção da farinha e de outros alimentos a partir do tubérculo. Em *A casa da vó Ota*, o aluno relatou sentir dificuldade em imaginar como seriam as camas com esteiras, pois apenas conhece camas com colchões e também a ocorrência de pulgas nas esteiras mais velhas, o que gerou bastantes comentários na sala de aula.

Em seguida, foi apresentado *A música*, o aluno expôs pouco sobre a música em si, no caso o fandango caiçara¹³, e acentuou o fato de tomarem banho completo

¹³Basicamente reúne dança em pares, por vezes marcada pelo batido de tamancos de madeira, além de música executada em instrumentos de confecção artesanal, principalmente a viola branca ou de fandango, a rabeca e o adufo. As diferentes formas musicais, dependendo da localidade, são classificadas como marcas ou modas, que podem ser valsadas (ou bailadas) – dançadas em pares,

apenas aos sábados e durante o resto da semana lavarem os pés para dormir. Ao ser questionado sobre sua escolha, o aluno justificou por considerar um péssimo hábito de higiene e não saber sobre o fandango, assim não se sentiu confortável para falar sobre. Os demais alunos também negaram conhecer o fandango caíçara demonstrando a necessidade de retomar o assunto posteriormente.

O capítulo *Nascimento de criança* gerou comentários pelos costumes relatados como a alimentação da mãe com canja de galinha e por manterem a criança em um quarto escuro por sete dias após o nascimento para evitar o chamado mal dos sete dias. Um dos alunos presentes relatou conhecer estes costumes e já ter presenciado na família.

A configuração do espaço ocupado pelas casas, com árvores frutíferas e até cafeeiros foi trazido em *Frutas e outras plantações*, com comentários sobre terem que cultivar, secar, torrar e moer o café em comparação à facilidade do período atual. Posteriormente, em *Ninho de galinha*, os horários do cantar do galo, às 1h30 da madrugada e às 4h, este último acordando os pescadores para o dia de trabalho. E, em *O peixe*, mais uma vez foram abordados hábitos alimentares, como o de consumir peixe cozido com banana, pirão de peixe ou apenas de farinha, os quais geraram estranhamento na turma por diferirem muito de sua realidade.

Os alunos que apresentaram *A maleita e outras doenças* e *A religiosidade*, antes de falar sobre suas leituras, explicaram que pesquisaram e pediram auxílio a familiares para conseguirem entender melhor o que estava escrito. Ao falar sobre como eram tratadas as doenças antigamente, o estudante já estabelecia comparações com os tratamentos atuais e a importância das vacinas disponíveis

A responsável por comentar sobre a religiosidade teve auxílio da mãe por conta de sua participação na igreja católica. Ela enfatizou a comemoração da Bandeira do Divino, a qual, em suas próprias palavras ‘nunca tinha ouvido falar’ por não ser mais realizada no município, e, também considerou interessante descobrir que Matinhos arrecadava fundos para a festividade em Guaratuba.

Sobre *O rio límpido*, tanto o aluno que apresentou quando os demais alegaram não conseguir visualizar o espaço descrito, sendo necessária uma intervenção no sentido de localizar geograficamente e acrescentar elementos que não estavam no texto. Após a intervenção, alegaram compreender melhor.

sem uma coreografia específica – ou batidas (ou rufadas) – com coreografias, marcadas pelo palmeado e pelo tamanqueado masculino. [...] (Pimentel; Pereira; Corrêa, 2011: 5)

A última apresentação do dia foi *Matinho virou Matinhos*. A aluna iniciou sua fala dizendo que achava que a história não poderia ser verdadeira por considerar uma explicação muito singela para a escolha do nome do município. Ao final, alguns questionaram se o *matinho* citado poderia ser a restinga.

Dentro da sequência, não foram apresentados os capítulos: *A descoberta da torneira, Santana ou Miranda, Brinquedos, história e carinho e Pescaria*.

Ao final, foram colocados nos títulos no quadro, ao lado dos nomes dos alunos responsáveis pela leitura para que todos anotassem o que julgassem relevante em cada texto.

No encontro posterior, os alunos que não fizeram as apresentações na aula anterior tiveram oportunidade de fazê-lo, porém, apenas uma aluna realizou a leitura. Neste dia, alguns alunos estavam ausentes, interferindo na sequência da atividade, mesmo assim, sem prejudicar a compreensão da obra.

Os capítulos apresentados no dia foram: *A escola, O transporte, Maré alta, Manguesal¹⁴ e goiabeiras, As festas, O sino da igreja, Os sambaquis, Aprontamos algumas, Berço de ouro, O Cambará e A vinda dos catarinenses*.

Em *A escola*, o fato de ter sido onde é a atual câmara de vereadores chamou a atenção da aluna que apresentou e dos demais estudantes, alguns deles não sabiam a localização citada. Foi bastante comentado também o fato de um dos prefeitos da cidade ter estudado com a narradora.

Quanto a *O transporte*, a aluna responsável pediu para não apresentar para os colegas e fez suas observações em ambiente separado. Ela relatou a dificuldade em entender algumas informações do texto devido à falta de informações específicas sobre os termos ali presentes, como o uso de diligência como forma citar um meio de transporte, e de imaginar o que seria o ônibus da época. Também afirmou que gostou de descobrir o que motivou o nome da rua onde mora.

FIGURA 26 - Lotação

¹⁴Ortografia adotada na obra de referência.



Bigarella, 1999

A aluna que apresentou o capítulo nomeado *Maré alta* descreveu o episódio alegando ter chamado sua atenção a obtenção e produção do alimento, pois, de acordo com a obra, havia um galinheiro ao lado de um restaurante e as galinhas eram criadas para servirem como parte dos pratos disponíveis no comércio. Com a maré cheia, as galinhas morreram afogadas e as crianças, incluindo a narradora, ficaram felizes pois ganharam as aves para levarem para casa, complementando assim a refeição da família. O relato gerou muitos comentários e ambiguidade na turma, alguns sentindo pelos animais e condição das pessoas da comunidade, outros estranhando o estabelecimento criar as aves para abater no local.

Em seguida, foi exposto *Manguesal e goiabeiras*, destacando a forma como a narradora descreve ter sido aterrado uma área de mangue na região central da cidade, com uso de carroças. O aluno falou sobre ter pensado no desconforto dos trabalhadores e uma aluna, que falou sobre os transportes, expôs o fato de morar no lugar citado.

Posteriormente, foram abordados costumes comemorativos em *As festas*. Foi citado o fandango caçara novamente, sendo necessário utilizar um vídeo para mostrar à turma o que era, pois já tinha sido mencionado em outro capítulo sem que fosse aprofundado. O estudante responsável alegou ter gerado estranhamento a informação de servirem café com arroz para os fandangeiros como forma de manterem a energia necessária para aguentarem o tempo que fosse preciso.

O aluno seguinte falou sobre *O sino da igreja*, enfatizando os significados das badaladas como forma de comunicar algo, como missa, casamento ou funerais, gerando interesse aos presentes sobre esses códigos.

A atividade continuou com Os sambaquis, quando foi explicado pelo aluno o que era um sambaqui e também foram expostas algumas imagens para ilustrar, destacando os achados arqueológicos. O aluno comentou o fato de muitos terrenos da cidade terem sido aterrados com material dos sambaquis.

A aluna seguinte falou sobre o capítulo *Aprontamos algumas*, no qual o costume de as crianças ficarem sozinhas em casa enquanto os pais iam trabalhar recebeu mais atenção. Para obterem o leite, tinham uma vaca e as próprias crianças, mais velhas, ordenhavam para alimentar os menores, o que gerou o relato no livro, quando colocaram a vaca dentro da cozinha e ela defecou no ambiente.

As narrativas anteriores contribuíram com a apresentação da aluna que falou sobre *O berço de ouro*, de acordo com a aluna, pois construíram uma ideia sobre a situação difícil da família, o que os fazia diferentes dos nascidos em berço de ouro. Neste capítulo foi enfatizado pela aluna a candidatura do filho da narradora a prefeito do município e o orgulho dela por ter os filhos formados no ensino superior.

Como penúltima apresentação do encontro, foi O Cambará com destaque à dificuldade de acesso ao local, tratando-se de uma colônia na área rural. Foi comentado sobre a dificuldade dos moradores conseguirem obter os itens básicos na época, sendo atualmente onde há um parque aquático. Foram citados alguns sobrenomes conhecidos dos alunos e houve manifestações sobre as dificuldades ainda existentes para os moradores.

A vinda dos catarinenses foi a última apresentação do dia, com destaque para a modificação no modelo de pesca, como a troca dos remos por motores nas canoas, o preparo e conservação do pescado. A aluna disse ter gostado de ler sobre as descrições feitas também das decorações das casas.

Novamente foram escritos os títulos dos capítulos e nomes dos alunos responsáveis no quadro para que fossem feitas as anotações nos cadernos.

No último encontro destinado para a atividade, foram apresentados os capítulos: *Matinhos e a Segunda Guerra Mundial*, *O rádio*, *Evolução?* e *Brinquedos, história e carinho* pelos alunos.

Em *Matinhos e a Segunda Guerra Mundial* foi demonstrado um tom de seriedade e surpresa, pois o aluno começou relatando nunca ter pensado sobre o assunto ou sobre como algo tão grandioso no mundo pudesse interferir em Matinhos, sendo a apresentação mais longa. Foram narradas as dificuldades passadas pelos moradores, como a impossibilidade de entrar ou sair da cidade sem

autorização e os alistamentos obrigatórios. Dois eventos chamaram a atenção: o primeiro quando um dos tios da narradora precisou ir à Guaratuba comprar mantimentos e não levou os documentos, propositalmente, com a esperança de não ser chamado ao alistamento e acabou sendo detido no caminho e obrigado a servir ao exército, onde permaneceu até sua aposentadoria. Nesse trecho, foi falado sobre a carteira de pescador, que gerou muitas dúvidas entre os estudantes, as quais foram respondidas por uma estudante da turma, filha de pescador.

Outro fato narrado pelo aluno foi a impossibilidade de ir em busca de atendimento médico em outra cidade por conta da presença do exército nas fronteiras, o que resultou no falecimento da irmã, de um ano e oito meses, da narradora.

No capítulo *O rádio*, a aluna falou sobre o aparelho e sua função social na época descrita, porque serviam para reunir as famílias para ouvir as notícias e demais programas, comparando-o à televisão em muitas casas, na atualidade.

Em *Evolução?*, o aluno destacou a mudança sobre como era realizada a travessia para Guaratuba, anteriormente por canoas e posteriormente com uso da balsa. E, em *Brinquedos, história e carinho*, a aluna enfatizou a confecção dos brinquedos para as crianças e alegou estranhamento quanto ao uso da palavra *pito* para os momentos em que era chamada a atenção das crianças.

Os capítulos restantes foram apresentados por mim: *Santana ou Miranda?*, *O progresso*, *O cinema e o comércio*, *Onde está aquela Matinhos?* e *A vida continua*.

Os estudantes reconheceram vários dos sobrenomes citados nestes últimos capítulos, menos Apolinário, tida como a primeira família que originou as demais. Houve muita manifestação quando comentado que já existiram três cinemas na cidade com geradores de energia movidos a diesel. Os estudantes deixaram claro não conhecer eventos que já fizeram parte do calendário municipal como o Ressacão, após o carnaval e a presença de escolas de samba convidadas de outros municípios, ou sobre a Igreja Matriz de São Pedro ter recebido caravanas de várias regiões do Brasil por conta da figura de um padre local, demonstrando interesse pelo exposto.

Foi levado para a sala o livro *Matinho: Homem e Terra Reminiscências...* de João José Bigarella para que os alunos pudessem manusear livremente e ver as imagens durante a aula. Ao terminar as explicações, alguns alunos reuniram-se ao redor da obra comentando e mostrando uns aos outros suas descobertas.

3.6 MOMENTO 6 - PRODUÇÃO TEXTUAL

Foi solicitado que os alunos, individualmente, produzissem um texto ambientado em Matinhos enfatizando a paisagem local.

A proposta inicial era produzir um texto de memórias levando em conta a leitura do livro *Gigi: de volta ao passado* para justificar a escolha, porém, a pedido de alguns alunos, foi dada a opção de produzirem um texto de memórias em que eles seriam autores e narradores ou uma narrativa de ficção usando personagens irreais, ainda em primeira pessoa. Foi mantida a orientação sobre o uso descritivo acerca da paisagem matinhense.

Foi explicado sobre o uso de adjetivos como forma de enriquecer a descrição e deixar transparecer sensações no decorrer do texto.

A proposta foi inserida na plataforma de produção textual para que os alunos pudessem terminar em outra ocasião, se necessário.

Como exemplo da produção, temos:

Férias com a vovó

Nas férias ficávamos na casa da vovó, a casa era a poucos metros da praia então mamãe deixava que eu fosse sozinha até a praia desde que eu tomasse bastante cuidado. A casa era branquinha como o leite, de entrada tinha uma varanda com telhas transparentes, era o lugar onde minha avó ficava sentada boa parte do tempo, ela fazia um café fresquinho, ligava o rádio pegava seu banquinho e ia até à varanda se sentar enquanto tomava um cafezinho. Eu amava sentar em seu colo e contar como foi meu ano escolar, ela estava sempre ouvindo com um sorriso enquanto ria do modo em que eu falava. Na casa da vovó o que mais tinha eram gatos. Na sala tinha um balcão alto onde ficava um oratório, tinham santos, uma bíblia sempre aberta, ao lado dela o óculos dela, a vovó marcava as páginas da Bíblia com o cordão que havia um pingente com Jesus Cristo na cruz. Ela tinha uma televisão de tubo que amava colocar um filme bíblico, enjoava de tanto ver. A noite vovó ligava o ventilador na sala e abria a janela para que não ficasse abafado, colocava colchões na sala para dormirmos com no mínimo 2 gatos dormindo no nosso pé. Ao amanhecer eu acordava com a vovó e minha mãe preparando um café da manhã, ao canto da cozinha a mesa pequena de madeira com pães, bolo, frutas e coisas para por no pão, como um queijo caseiro que ela ganhava de uma amiga, manteiga que nunca consegui passar no pão de tão dura, meu doce preferido de goiaba que vovó sempre comprava para me mimar. Na parede esquerda ficava um armário com comida e a piá, vovó só lavava louça com sabão em pedra. Na parede central ficava o fogão, a geladeira e o pote de ração e pote d'água dos gatos, as paredes eram amarelas e na parede da pia havia revestimento de piso bege que tinha desenhos estranhos. No quarto da vovó eu não podia entrar, nunca soube o porquê. Depois do almoço eu corria para a praia. Ao pisar na areia, sinto uma sensação de afundamento na areia fofa que está sempre quentinha na época de verão, ela gruda em seus pés e relaxam sua cabeça, principalmente de uma criança animada que pensa rapidamente em criar esculturas de areia. Corria para a água, mas parava assim que sentia ela super gelada em meus pés, não importa o quão calor esteja, sempre vou sentir ela arrepiar meu corpo inteiro com o

frio que traz. Quando me lembro havia piscinas naturais fundas o suficiente para afundar o corpo até o ombro, ou pelo menos o corpo de uma criança, como não era para o fundo do mar não se pegava ondas, era perfeito para brincar sem se preocupar. Eu arranjava coragem para entrar na água gelada após de pensar no mínimo 10(dez) vezes, eu pulava nela rapidamente estremecia com o frio da água, mas depois de um tempo meu corpo se acostumava, era relaxante e divertido brincar lá, eu sempre arranjava amigos que eu sabia que nunca mais viria, mas eles me contavam suas histórias e brincavam comigo como se nós conhecêssemos a anos. No final da diversão na praia eu voltava para casa da minha avó, recebia um banho quentinho, me sentava no sofá da sala enquanto comia um prato de comida feito pela minha avó, ela fazia todos os pratos que eu amava e sempre tinha um fígado feito no fogão. Eu dormi novamente na sala com o cobertor fino e o barulho do ventilador, para no dia seguinte me divertir de novo com novas pessoas e um novo acontecimento. (L.Y.R.F.)

É possível acompanhar ao longo do texto o cuidado com os detalhes que marcaram as lembranças do estudante, como na expressão *era branquinha como o leite*, o uso do diminutivo como aproximação e afetividade, ainda presente em *cafezinho e fresquinho*.

As narrativas foram ambientadas em diversos cenários da cidade, sete na Praia Mansa, quatro no calçadão entre o centro e o balneário de Caiobá, três no Pico de Matinhos, dois em praias sem a localização exata, dois no Morro do Escalvado, dois na praça central (Praça Hildebrando de Araújo), um no Morro do Boi e três na casa dos avós dos autores/narradores.

Na construção das paisagens, foram encontradas referências positivas como *É um lugar onde que o nascer do sol e o pôr do sol fica com uma paisagem linda*, também *A Praia Mansa é um lugar muito interessante, é uma praia que quase não tem ondas, tem várias pedras, tem um trapiche de pedras com alguns bancos, a faixa de areia é bem longa, tem muitas árvores antigas e várias outras coisas*, ou ainda,

Em um dia ensolarado e belo, com a calçada nas cores pretas e brancas que se faz um desenho tipo mosaico muito bonito, com cores que realçam com o céu de Matinhos, com uma bela praia que se vê a linha do horizonte, [...] observamos o nascer e o pôr do sol, em prédios de inúmeros tons, em bancos de madeira onde sentamos para conversar.

3.7 MOMENTO 7 - CONFECÇÃO E APRESENTAÇÃO DE CARTAZES

Foram necessárias quatro aulas, divididas em dois encontros, para a realização da atividade. Duas para a discussão em grupos de até quatro estudantes, e duas para a apresentação do material produzido para a turma.

A atividade consistia em cada grupo eleger um assunto relacionado ao que foi discutido durante os encontros anteriores, pesquisar e produzir o material a ser utilizado em uma apresentação em formato de seminário com o tema: *Matinhos ontem, Matinhos hoje*.

Como a atividade já tinha sido programada anteriormente, alguns grupos trouxeram o assunto já definido e pesquisas prontas, outros usaram o momento da aula para decidir e realizar as ações necessárias.

Dois grupos escolheram as igrejas católicas, um sobre a Igreja Matriz de São Pedro e outro, a Igreja de São Pedro. O grupo responsável pela Igreja de São Pedro não sabia que a mesma é tombada como Patrimônio Histórico do Paraná e acrescentou a informação descoberta durante a aula. Enquanto o grupo responsável pela Igreja Matriz tinha uma integrante mais ativa, com as informações locais por ser filha de pescador e participar da comunidade retratada, que explicou aos colegas do grupo sobre as procissões marítimas no dia do padroeiro do município, feita com canoas.

Um dos grupos escolheu a praça central, mesmo sem saber que o nome da mesma é Hildebrando de Araújo e, ao pesquisar, descobriu que seu nome é em referência ao primeiro dono da propriedade denominada Mi Casita, situada à Rua das Sereias e conhecida por quase todos os alunos por ser uma das casas mais antigas do local e não ter mudado a fachada. Mesmo assim, o grupo decidiu mudar o assunto por encontrar informações sobre o teleférico que havia no Morro do Escalvado e a tragédia ocorrida nele.

Durante a aula houve muitas discussões internas nos grupos, gerando diversas argumentações.

Terminados os cartazes, procederam as apresentações sobre os temas organizados a seguir:

GRUPO 1 - Praia Brava

Destacou a presença da restinga nas imagens antigas e atuais e o processo de urbanização, pois há diferença no número de construções sendo prédios e casas.

GRUPO 2 - Restaurante Roda Viva

Falou sobre o restaurante da família de um dos integrantes, existente em Matinhos há mais de vinte anos. Os estudantes tentaram evidenciar a criação de laços com a cidade.

GRUPO 3 - Teleférico

O grupo explicou um pouco sobre o morro, mesmo sem citar os nomes pelos quais é conhecido. Destacou o teleférico como atividade comercial e turística, enfatizando o acidente ocorrido que fez com que parasse de funcionar. Muitos alunos não sabiam que o teleférico era real, acreditando ser apenas uma história inventada, outros não sabiam do acidente.

GRUPO 4 - Pico de Matinhos

Abordou as transformações ocorridas com o passar do tempo com uso de várias imagens, porém destacou oralmente a quantidade de pessoas e o potencial turístico. Citaram o processo de engordamento da faixa de areia¹⁵ como forma de tratar a modificação da paisagem.

GRUPO 5 - Ilha das Tartarugas

O grupo falou sobre a vegetação preservada mesmo com o passar do tempo, a origem do nome da ilha e a prática de visitação do local destacando a contribuição dos meios de comunicação, principalmente as redes sociais, para que as pessoas conheçam o lugar.

GRUPO 6 - Caiobá 1950/2016

Os alunos destacaram a quantidade de moradias existentes e a retirada da vegetação.

GRUPO 7 - Praia Mansa

O aluno, que preferiu fazer o trabalho individualmente, explicou sobre os elementos geográficos presentes nas imagens selecionadas, apontando as

¹⁵De acordo com o Instituto Água e Terra (IAT), consiste em um processo de retirada do aterro do mar por meio de dragagem e depósito na faixa de areia da praia com o objetivo de aumentá-la (IAT, 2021).

PICO DE MATINHOS



1.946

↓



2.022

2014



↑



1.950

Nota: O Pico de Matinhos é muito utilizado por surfistas, sendo considerado um dos melhores locais do litoral paranaense para o prática do surfe. Mas o aumento na quantidade de areia na praia faz com que o cenário se modifique. As ondas já não batem mais nas pedras - o que cria belas imagens - e os esportistas tiveram que mudar seus rotinas, pois a configuração das ondas está mudando.

Escrito: "O mar não dá / To com o ar mais amigável / A praia de Pico de Matinhos / Quando se trata o mundo"

Forma areia: no sentido da praia pelo seu nome: **AREIA DAS PRAIAS**. Não se tem quantitativo ainda a este respeito, mas acredita-se que há no depósito de 50.

Localização: Rua Bittencourt nº 18 / Rua João de Deus nº 1 / Avenida Brasil nº 20 / Praça do Povo nº 29

Banheiro, vá nesse local / Não vá e não se aproxime / A Torre de Deus, Pico / Ajuda de todos o mundo

ILHA DAS TARTARUGAS

Antigamente

Foi fundada em 1989. Também conhecida como Ilha do Brasil, a ilha era coberta por um sistema de pedras que não permitia a entrada de turistas e animais domésticos. A ilha era vista somente por via aérea.



Atualmente

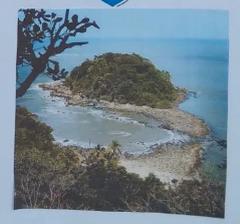
O nome foi escolhido por conta que muitas tartarugas usam a ilha para descansar e também por conta do seu formato que lembra uma tartaruga. Hoje em dia se visita a ilha por muitos turistas principalmente em férias.

↓



6

↓



Nota: A Ilha das Tartarugas tem uma vegetação muito bonita, fica em lajeado. O acesso pode ser feito pela Praia Branca. É possível se coberto por uma floresta.

Localização: Rua Bittencourt nº 18 / Rua João de Deus nº 1 / Avenida Brasil nº 20 / Praça do Povo nº 29



Acervo próprio, 2022

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordado ao longo deste texto, obras literárias são grandes fontes de conhecimento, e sua leitura, apreciação e estudo compõem o currículo escolar, porém, na realidade das instituições, muitas vezes acabam sendo apenas apresentadas sutilmente, como um complemento ou um texto necessário para a discussão de outro assunto, como de análise linguística, por exemplo, tendo seu valor reduzido.

Desde o início, a proposta desta pesquisa foi a de fazer o contrário, colocar a obra literária sob os holofotes e, a partir dela, seguir adiante, apreciando-a, refletindo sobre ela e assim, pensar a relação entre o indivíduo com ele mesmo, com o meio e com os demais indivíduos, sem perder o apreço pela literatura, em suas características intrínsecas.

De acordo com os objetivos estabelecidos para o desenvolvimento do estudo, como o fortalecimento de laços identitários e o pertencimento ao lugar, a escolha de

um texto de memórias foi primordial para as ações nesta perspectiva, pois possibilitou refletir sobre as sensações e sentimentos presentes tanto na obra quanto no cotidiano dos estudantes fazendo com que fosse gerado um envolvimento deles com o texto.

Além da descrição de paisagens que fazem parte do cenário local, a obra trouxe também vivências dos moradores em outra época, que antecedem os processos de urbanização visíveis na contemporaneidade, proporcionando um encontro de gerações, mesmo que não de forma física.

A turma, composta por alunos membros de famílias tradicionais no município junto com aqueles que chegaram ao longo de suas vidas, discutiu de maneira enriquecedora sobre os assuntos trazidos na obra, conseguindo comparar passado e presente com naturalidade e com o auxílio de familiares.

Outro ponto importante no desenvolvimento das ações foi a busca espontânea dos alunos por respostas no ambiente doméstico, o que sinalizou ser comum conversarem sobre o que estava sendo feito mesmo fora dos momentos de sala de aula, evidenciando tanto o despertar do interesse quanto a mudança de olhar sobre a obra e o lugar, sendo comum ouvir sobre alguma descoberta ou algo que pudesse complementar a narrativa estudada, demonstrando o estabelecimento, tanto quanto fortalecimento, de vínculo com o lugar, embora de maneiras diferentes, de acordo com as vivências de cada um.

Optar por iniciar o trabalho com a definição de paisagem e suas abordagens mais subjetivas preparou os alunos e auxiliou quanto às discussões por trazer a valorização do olhar individual sobre o objeto coletivo, bem como o uso de imagens do município, antigas e contemporâneas, em substituição aos textos verbais, e a contextualização da obra, ambientada em Matinhos, cumprindo, assim, as primeiras etapas da metodologia adotada quanto aos processos de leitura. O que poderia ser complementado com fotos tiradas pelos próprios alunos de pontos que gostassem ou tivessem alguma ligação afetiva.

Ao introduzir a obra, de fato, já havia algo a esperar por parte deles e do texto a ser lido, o que, em conjunto com suas experiências, facilitou o desenrolar das ações previstas e gerou momentos valiosos de reflexão.

Faz-se necessário enfatizar que o ambiente propício ao diálogo foi determinante para o desenvolvimento da pesquisa, pois sem a manifestação oral, intervenções dos estudantes, e os grupos formados entre eles em suas dinâmicas

cotidianas, o resultado provavelmente seria diferente nas produções textuais analisadas e nas apresentações.

Em consequência do proposto, foi possível acompanhar e verificar a modificação do olhar de alguns alunos sobre o discutido, os quais iniciaram o trabalho com manifestações generalizadas e ao final produziram descrições ricas em detalhes; e a valorização dos participantes oportunizada pelos momentos em que expunham seus saberes locais ou suas descobertas.

O centro do trabalho realizado estava na obra selecionada em conjunto com as possibilidades oferecidas pela realidade vivida, porém vale lembrar que a produção literária é escassa na região e que, provavelmente, seria mais enriquecedor ter obras contemporâneas para incluir nas ações realizadas ou dar continuidade em ações posteriores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura e Formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ALVES, Luis Carlos Ribeiro. A consciência na fenomenologia husserliana. **Theoria -Revista Eletrônica de Filosofia Faculdade Católica de Pouso Alegre**. Volume V - Número 13 - Ano 2013 - ISSN 1984-9052 disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao13/a_consciencia_na_fenomenologia_husserliana.pdf , acesso em 10 de fevereiro de 2022.

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernardete A. Métodos qualitativos de pesquisa em educação no Brasil: origens e evolução. **PROGRAMA DE FORMAÇÃO EM PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**. Módulo VII. Pesquisa Qualitativa, parte II, v. 26, 2014.

ARAGÃO, Maria Lucia. Memórias literárias na modernidade. **Letras**, n. 3, p. 41-52, 1992.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CHANTAL, Blanc-Pamard & RAISON, Jean-Pierre. **Paisagem**. In: *Enciclopédia Einaudi*. v.8. Lisboa: Imprensa Nacional. p. 138-159

COLLOT, Michel and Fernanda Coutinho. “POESIA, PAISAGEM E SENSACÃO / Poetry, Landscape and Sensation.” **Revista De Letras** (Fortaleza. Impresso), vol. 1, no. 34, 2016, pp. Revista de Letras (Fortaleza. Impresso), 2016–01-01, Vol.1 (34). <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/2401/1862> . Acesso em 15 de dezembro de 2021.

Damiani, M. F. (2012). Sobre Pesquisas do tipo intervenção. In: **Anais do XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**. (pp.2882-2890) Campinas: Unicamp.

GUIMARÃES, M. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 7, n. 9, p. 11-22, set. 2013.

E.E.C.M. PROFESSORA ABIGAIL DOS SANTOS CORRÊA – EF. Projeto Político Pedagógico, Matinhos, 2021.

GOOGLE. Google for education. https://edu.google.com/intl/ALL_br/ Acesso em 14/10/2022.

HOLZER, Werther. Paisagem Imaginário e Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny & CORRÊA, Roberto Lobato (orgs). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. 248p. p.149-168 (Série Geografia Cultural)

IAT. Projeto Executivo de Proteção da Orla de Matinhos: Capítulo 2 - Enrocamento e Engordamento. 2021. Disponível em https://www.iat.pr.gov.br/sites/agua-terra/arquivos_restritos/files/documento/2021-07/1_estruturas_maritimas_e_engordamento_rev02.pdf . Acesso em 16/11/2022.

IBGE. Cidades: Matinhos. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/matinhos/panorama> acesso em 17/08/2022

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ed. Ática, 2014.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Solange Terezinha de. **Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem**. In: Geosul, Florianópolis, v.15, 0.30, p 7-33, jul./dez. 2000.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Lucy Marion C. P. - **O Estudo da Paisagem: Uma Abordagem Perceptiva**, Revista de Geografia e Ensino, n.8, p. 37-45, 1988.

MADERUELO, Javier. **El Paisaje: génesis de un concepto**. Madrid: Abada Editores, 2005.

MONTEIRO, C. A. de F. O conteúdo geográfico nos espaços romanescos. **Ciência & Trópico**, [S. l.], v. 16, n. 2, 2011. Disponível em: <https://fundaj.emnuvens.com.br/CIC/article/view/424>. Acesso em: 30 jan. 2022.

NISBETT, J.; Watt, J. Case Study. Redguide 26: **Guides in Education Research**. University of Nottingham Scholl of Education, 1978.

OLIVEIRA, Lívia de. **Percepção Da Paisagem Geográfica: Piaget, Gibson E Tuan**. GEOGRAFIA, Rio Claro, Vol. 25(2): 5-22, agosto de 2000.

ORR, D. W. Lugar e Pedagogia. In: CAPRA. F. Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Editora Cultrix, 2006. p. 114-124.

PIMENTEL, Alexandre; PEREIRA Edmundo; CORRÊA, Joana. **Museu Vivo do Fandango: aproximações entre cultura, patrimônio e território**. 35° Encontro Anual da ANPOCS, GT19 - Memória social, museus e patrimônios, 2011.

PROSHANSKY H.M. 1976. Appropriation etnonappropriation (mis-appropriation) de l'espace. In: LUPICÍNIO, I. & POL, E.. **Cognición, Representación y Apropiación del Espacio**. Barcelona-Espanha: Universitat de Barcelona Publicacions. p.43-57.

SANDEVILLE, Euler Júnior. **Paisagem e Ambiente: ensaios** - n. 20 - São Paulo - p. 47 - 60 - 2005
<https://www.revistas.usp.br/paam/article/download/40228/43094/47491> . Acesso em 12 de janeiro de 2022.

SANTAELLA, Lúcia. **Percepção: fenomenologia, ecologia, semiótica**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SAUVÉ, L. 2005. Uma cartografia das Correntes em educação ambiental. In: M. SATO; I. C. M. CARVALHO (org.). **Educação Ambiental**. Porto Alegre: Artmed. P. 17-45.

Seed. **Consulta pública do modelo Cívico-Militar aprova mudança em 186 colégios. Secretaria da Educação e do Esporte**. Disponível em <https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Consulta-publica-do-modelo-Civico-Militar-aprova-mudanca-em-186-colegios> Acesso em 17/08/2022.

Sem autor. **Mapa turístico do litoral do Paraná. Guia geográfico Paraná**. Disponível em <http://www.guiageo-parana.com/mapas/litoral-turistico.htm> Acesso em 17/08/2022.

SERPA, A. Lugar, paisagem e experiência / Place, landscape and experience. **Geograficidade**, v. 10, n. Especial, p. 99-105, 6 out. 2020.

SILVA, V. C. P.; CARRETO, C. F. C.. O imaginário entre a Geografia e a Literatura. In: **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**. v.9, n.1, p.219-236, 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Geography and Literature: Implications for Geographical Research**. Chicago: Humanistic Geography, 1978.

_____. **Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência**, São Paulo, DIFEL, 1983

APÊNDICE 1 - PRODUTO EDUCACIONAL



Leituras literárias

textos de memórias e o
reconhecimento de si no
mundo



Gisele Paiva Lima
Dr. Fábio de Carvalho Messa



Leituras Literárias: textos de memórias e o reconhecimento de si no mundo Público-alvo: Séries finais do Ensino Fundamental

Objetivos:

- Fortalecer laços identitários e de pertencimento a partir da análise e reflexão sobre a descrição da paisagem em obras literárias e nos espaços vividos;
- Proporcionar momentos de leitura e apreciação de obras literárias;
- Contribuir com o desenvolvimento da percepção do educando em relação ao meio em que está inserido e como parte deste;
- Oportunizar a reflexão sobre as relações objetivas e subjetivas entre ser humano e paisagem a fim de constatar como a ação humana interfere nesta e nos modos de vida.
-

BNCC: As ações sugeridas estão de acordo com o que é proposto pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para Língua Portuguesa nos anos finais, tanto em suas dimensões quanto às práticas discursivas, quanto à competências específicas do uso da linguagem como é possível verificar em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>.

Recursos sugeridos:

- Quadro para anotações (quadro da sala de aula);
- Dispositivo para projeção de imagens (televisão, datashow ou outro);
- Acesso à internet;
- Material para construção coletiva (cartolina, papel kraft, papel sulfite ou recurso digital colaborativo como Google Jamboard, Canva ou Padlet);
- Fotos e/ou imagens diversas da região em que a turma está localizada (preferencialmente de épocas diferentes);
- Texto literário (preferencialmente de memórias e relacionado à região em que a turma está localizada);
- Material pessoal dos alunos: cadernos, canetas e afins.





Momento 1

Atividade inicial: O que é paisagem?

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Verificar a concepção de paisagem para os alunos e gerar uma reflexão sobre ela; determinar o horizonte de expectativas quanto aos procedimentos de leitura.

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, dispositivo para a projeção de imagens, material de produção colaborativa, obra literária escolhida para a leitura e apreciação.

Metodologia:

Apresentar aos alunos a capa da obra literária selecionada e perguntar a eles se a conhecem, em seguida, pedir que levantem hipóteses sobre o gênero e assunto tratados nela a fim de determinar o horizonte de expectativas (Aguiar e Bordini, 1993).

Explicar que serão desenvolvidas atividades sobre a obra citada e introduzir o termo *paisagem* pedindo que se manifestem quanto à definição deste termo, propiciando um momento de expressão oral e troca de ideias que incentive a retomada de conhecimentos prévios para uma construção coletiva.

Após esse momento, cada aluno, individualmente ou em dupla, deve registrar sua resposta por escrito, a partir das discussões em sala de aula e de seus repertórios, usando material de produção colaborativa para compartilhar os resultados.

Expor as definições escritas pelos estudantes para estimular a interação oral e a reflexão sobre o que foi desenvolvido. Se não houver referência à subjetividade nas respostas compartilhadas, acrescentar neste momento para que os sentimentos e sensações, bem como a individualidade do observador, sejam levadas em conta pois contribuirá com o desenvolvimento das ações e resultado final.

Momento 2

Análise de imagens: fotos

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Verificar a interação dos estudantes com paisagens do município e com o município; proporcionar momentos de discussão e reflexão sobre paisagem; atender ao horizonte de expectativas dos estudantes quanto ao texto literário.

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, dispositivo de projeção.

Metodologia:

Apresentar o assunto a ser trabalhado no encontro e a dinâmica a ser adotada.

O desenvolvimento da atividade é inspirado no exercício de redução eidética, adaptado pelo professor Ângelo Serpa (2021), no qual mais de um indivíduo, ao apreciar determinada paisagem, percebe-a de maneira diferente. A ação consiste em observar paisagens, projetadas, do município e pedir que os alunos mostrem o que observam.

Com auxílio do dispositivo de projeção, apresentar fotos do município com paisagens distintas, atuais e antigas, coloridas e preto e branco para apreciação dos elementos composicionais e descrição.

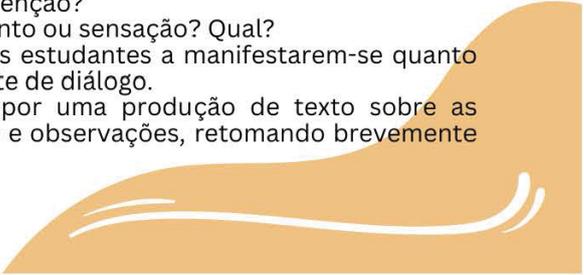
Pedir que identifiquem locais que conhecem ou reconhecem nas imagens e incentivar a expressão dos sentimentos ou sensações despertados pelas imagens, relacionando-as às paisagens.

Registrar no caderno, sobre cada paisagem:

1. Você reconhece esta paisagem? Se sim, qual o lugar de referência?
2. Quais elementos na imagem chamam sua atenção?
3. A imagem desperta em você algum sentimento ou sensação? Qual?

Após a conclusão da projeção, estimular os estudantes a manifestarem-se quanto às suas respostas, promovendo um ambiente de diálogo.

Ao término das manifestações orais, propor uma produção de texto sobre as imagens analisadas, expondo suas opiniões e observações, retomando brevemente as concepções de paisagem já discutidas.



Momento 3

Leitura da obra selecionada.

Duração: a quantidade de aulas necessárias depende da obra selecionada.

Objetivos: Realizar a leitura da obra literária selecionada; romper o horizonte de expectativas dos estudantes; proporcionar um ambiente de questionamento e ampliação do horizonte de expectativas; oportunizar momentos de diálogo e produção textual; aproximar o material lido à realidade vivida pelo estudante.

Recursos necessários:

Quadro da sala de aula, exemplares físicos ou digitais da obra literária selecionada, papel sulfite, material do aluno para anotações.

Metodologia:

Apresentar os objetivos e dinâmica de cada etapa.

Para o desenvolvimento das atividades a seguir, o professor deve adotar uma postura também de ouvinte, daquele que está disposto a interagir com as histórias dos estudantes, sejam elas pessoais, institucionais, acadêmicas; tendo a consciência de que a partir destas histórias o texto será lido de maneira diferente (Wielewick, 2008).

É também necessário compreender que a leitura não pode se restringir apenas à decodificação da palavra escrita, deve interagir com a realidade vivida, o mundo imediato do qual o leitor faz parte, de tudo o que o cerca e suas vivências com pessoas da mesma idade e mais velhas, tendo diferentes crenças e valores (Freire, 1989).

Na **primeira etapa** destinada à leitura, com previsão para duas aulas, iniciar o trabalho com a obra lendo em voz alta a apresentação presente no livro e contextualizando-o brevemente, informando aos estudantes como foi o processo de escrita, quem é o(a) autor(a), qual seu papel na sociedade, principalmente no cenário regional (quando possível), processo de edição e publicação e ano de publicação, e apresentar como um texto de memórias.

Indicar a leitura dos primeiros capítulos solicitando aos estudantes que atentem aos elementos que compõem a paisagem descrita e traços culturais expostos, iniciando a ruptura do horizonte de expectativas (Aguir e Bordini, 1993).

Após a conclusão da leitura dos capítulos propostos, incentivar os estudantes a falar sobre o que perceberam, o que chamou sua atenção, a linguagem utilizada na obra e se sentiram dificuldade com o vocabulário.

Na **segunda etapa** destinada à leitura, selecionar um trecho descritivo da obra e lê-lo em voz alta, em seguida, pedir aos alunos que selecionem um recorte do texto a fim de criar uma ilustração que represente como imaginam a paisagem descrita. Disponibilizar folhas de papel sulfite para a realização da atividade.

Se houver dificuldade em identificar algum elemento descrito ou citado no trecho, possibilitar acesso a imagens por meio de sites ou acervo da biblioteca.

Após concluídas as ilustrações, solicitar que os estudantes falem sobre suas escolhas explicando as ilustrações, suas motivações e complementem expondo se sentiram dificuldade para a execução da atividade identificando-a.

Na **terceira etapa** destinada à leitura, solicitar que os estudantes escolham voluntariamente os capítulos que seguem a fim de apresentá-los para a turma.

Listar os capítulos no quadro e pedir que escrevam seu nome ao lado do capítulo escolhido, se não houver êxito, proceder sorteio.

Para organizar a leitura e orientar a apresentação, pedir que respondam no caderno às seguintes questões sobre o material escolhido ou sorteado:

1. O que mais chamou sua atenção?
2. Sentiu dificuldade com o vocabulário?
3. O que você já sabia?
4. O que você descobriu?
5. Compare o que leu com a sua realidade atual:



Cada estudante deve apresentar seguindo a ordem sequencial da obra, contemplando suas anotações. Ao final de cada apresentação, abrir espaço de tempo para que os demais estudantes manifestem-se acerca do exposto.

Na **quarta etapa** destina à leitura do livro, com previsão para ser desenvolvida em uma aula, ler coletivamente os capítulos restantes a fim de concluir a obra e proporcionar um momento de diálogo e reflexão sobre a obra realizando uma roda de conversa para a exposição das impressões.

Momento 4

Produção de texto localizado em uma paisagem local

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Analisar a apreensão dos estudantes sobre paisagem na composição literária e sua relação com a região enquanto fonte da paisagem descrita.

Recursos necessários: Quadro da sala de aula, material para escrita e produção textual.

Metodologia:

Apresentar os objetivos e a dinâmica do encontro.

Retomar com os estudantes os elementos constitutivos de um texto de memórias usando trechos da obra trabalhada como exemplos. Maria Lúcia Aragão (1992) define textos de memórias aqueles em que o narrador e o autor fundem-se escrevendo sobre suas experiências pessoais, baseados em eventos ocorridos com o passar do tempo, segundo a autora “o memorialista faz uma segunda leitura do tempo vivido” (Aragão, 1992).

Enfatizar o cuidado com a escolha das palavras e construção dos períodos a fim de cumprir seus objetivos como autores e narradores.

Expor a proposta: os alunos devem escrever uma narrativa de memórias ambientada na região em que estão inseridos, atentando para a descrição da paisagem.

Momento 5

Produção de cartaz e grupos de discussão

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: oportunizar um momento de diálogo em grupos menores, de até quatro estudantes; verificar a interação dos estudantes quanto ao tema proposto; contribuir para a reflexão quanto à modificação da paisagem com o passar do tempo.

Recursos necessários: dispositivos para pesquisa, rede de internet, cartolinas, canetas hidrocor, imagens da região (escolhidas pelos alunos).

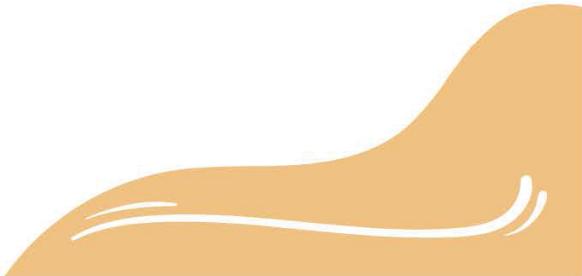
Metodologia:

Apresentar os objetivos e a dinâmica da atividade.

Dividir em grupos de até quatro estudantes para que discutam sobre a leitura e criem uma apresentação sobre o elemento que tenha sido mais interessante, considerando a modificação da paisagem com a passagem do tempo.

Acompanhar os grupos estimulando a percepção dos estudantes sobre os elementos escolhidos por eles com perguntas voltadas a cada assunto em particular, como se eles conhecem as variações de nomes de determinadas regiões, ou se já estiveram nos locais selecionados, entre outras.

Deixar os dispositivos (computadores ou celulares) disponíveis e auxiliar quanto às pesquisas necessárias.





Momento 6

Apresentação dos cartazes - Seminário

Duração: 2 aulas de aproximadamente 50 minutos cada.

Objetivos: Verificar, por meio da expressão oral, a percepção dos estudantes quanto à modificação da paisagem ao longo do tempo; proporcionar um momento de reflexão sobre o sentimento dos estudantes em relação à região; oportunizar o diálogo entre pares.

Recursos necessários: Material produzido pelos alunos.

Metodologia:

Apresentar os objetivos e a dinâmica do encontro.

Explicar aos estudantes que devem mostrar não apenas os elementos visuais, mas também afetivos e curiosidades, quando pertinentes.

Iniciar as apresentações com uma sequência voluntária. Após cada exposição, abrir um espaço para questionamentos e/ou comentários.

1. REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura e Formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

ARAGÃO, Maria Lucia. Memórias literárias na modernidade. **Letras**, n. 3, p. 41-52, 1992.

NISBETT, J.; Watt, J. Case Study. Redguide 26: Guides in Education Research. University of Nottingham Scholl of Education, 1978.

SERPA, A. Lugar, paisagem e experiência / Place, landscape and experience. *Geograficidade*, v. 10, n. Especial, p. 99-105, 6 out. 2020.

